



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE ITAPECURU-MIRIM
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS

GISELE VELOSO SANTOS

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON
HATOUM, *ESAÚ E JACÓ*, DE MACHADO DE ASSIS**

Itapecuru-Mirim
2024

GISELE VELOSO SANTOS

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON
HATOUM, *ESAÚ JACÓ*, DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Campus de Itapecuru Mirim, como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Tania Lima dos Santos

Itapecuru-Mirim
2024

Santos, Gisele Veloso

Uma análise comparativa das obras Dois irmãos, de Milton Hatoum, Esaú e Jacó, de Machado de Assis / Gisele Veloso Santos. – Itapecuru-Mirim, MA, 2024.

58 f

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus Itapecuru-Mirim, 2024.

Orientador: Profa. Dra. Tania Lima dos Santos

Elaborado por Cássia Diniz- CRB 13/910

GISELE VELOSO SANTOS

**UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON
HATOUM, *ESAÚ JACÓ*, DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Campus de Itapecuru Mirim, como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas literaturas.

Orientador(a): Prof.^a Dra. Tania Lima dos Santos

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a: Tania Lima dos Santos (Orientadora)

2º Examinador(a)

3º Examinador(a)

A Deus, meus pais e minhas irmãs, por todo apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente, por ter me guiado e ainda estar guiando durante toda minha trajetória.

Agradeço também aos meus pais, Joás e Aldete, por não medirem esforços para me ajudar em tudo e, principalmente, por me educarem e me darem amor.

Às minhas cinco irmãs, Samara, Suzy, Suzana, Josiane e Jeise, que me apoiaram, ajudaram e me incentivaram a seguir o mesmo caminho que o delas.

Ao meu namorado e companheiro, Anderson, que desde o início me incentivou, e me ajudou durante essa jornada.

Quero agradecer também a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), por me proporcionar a oportunidade de ser uma profissional, e de ter uma profissão. E a todos que compõem o grupo da UEMA, que fizeram e fazem parte da minha caminhada, mas em especial, a funcionária da Biblioteca, Katycinaria, por me ajudar sempre com gentileza, atenção, carinho, e por ser sempre prestativa.

A minha professora e orientadora Tania Lima, por ter aceitado me orientar e por em nenhum momento deixar de me ajudar, também pelos ensinamentos e, principalmente, pela paciência.

E por fim, a minha colega de sala e amiga, Maria Jasilene, pela amizade e apoio.

*“O que vale na vida não é o ponto de partida
e sim a caminhada. Caminhando e semeando,
no fim, terás o que colher.”*

Cora Coralina

RESUMO

O presente trabalho monográfico tem o objetivo de comparar os romances *Esaú e Jacó* de Machado de Assis e *Dois irmãos* de Milton Hatoum fazendo uso dos estudos de literatura comparada na consideração de aspectos estruturais e temáticos das narrativas. Do ponto de vista temático tomou-se como principal intertexto a história bíblica de Esaú e Jacó, compreendida como uma recorrência arquetípica do mito do duplo, também presente na narrativa de Caim e Abel. Inicialmente é abordado sobre a Literatura comparada, destacando seus princípios e enfoques teóricos. Em seguida, é realizada uma abordagem sobre os romances *Esaú e Jacó* e *Dois irmãos*, destacando as trajetórias literárias de seus renomados autores, o realista Machado de Assis e o contemporâneo Milton Hatoum e as características das obras, a exemplo do triângulo amoroso, a ironia e intertextualidade no romance de Machado e cunho memorialístico, traços biográficos e intertextualidade no romance de Hatoum. Por fim, é realizada a análise comparativa das obras, enfatizando seus aspectos distintos e semelhantes na composição narrativa e na temática, também evidenciando a existência da intertextualidade entre os dois romances e destes com as narrativas bíblica e mitológica. Esta pesquisa tem um caráter qualitativo e contou com aporte teórico dos estudos de Tânia Carvalhal (2006); Sandra Nitrini (2010); Lucia Miguel (1936); Roberto Schwarz (2000); Tania Pellegrini (2004); Marcelo Giovani (2021); Adriana do Couto (2014), entre outros.

Palavras-chave: Literatura comparada; Esaú e Jacó; Dois irmãos; Intertextualidades.

ABSTRACT

This monographic work aims to compare the novels *Esaú e Jacó* by Machado de Assis and *Dois irmãos* by Milton Hatoum using the studies of comparative literature to consider the structural and thematic aspects of the narratives. From a thematic point of view, the biblical story of Esau and Jacob was taken as the main intertext, understood as an archetypal recurrence of the doppelganger myth, also present in the narrative of Cain and Abel. Initially, comparative literature is addressed, highlighting its principles and theoretical approaches. Next, an approach is made to the novels *Esaú e Jacó* and *Dois irmãos*, emphasizing the literary trajectories of their renowned authors, the realist Machado de Assis and the contemporary Milton Hatoum, as well as the characteristics of the works, such as the love triangle, irony, and intertextuality in Machado's novel, and the memorialistic nature, biographical traits, and intertextuality in Hatoum's novel. Finally, a comparative analysis of the works is carried out, emphasizing their distinct and similar aspects in narrative composition and theme, also highlighting the existence of intertextuality between the two novels and between them and biblical and mythological narratives. This research has a qualitative nature and relied on theoretical support from studies by Tânia Carvalhal (2006); Sandra Nitrini (2010); Lucia Miguel (1936); Roberto Schwarz (2000); Tania Pellegrini (2004); Marcelo Giovani (2021); Adriana do Couto (2014), among others.

Keywords: Comparative literature; *Esaú e Jacó*; *Dois irmãos*; Intertextuality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LITERATURA COMPARADA – ORIGENS, BASES E PERSPECTIVAS	11
2.1 Origens e desdobramentos da Literatura Comparada	11
2.1.1 A relação com a literatura geral	12
2.2 Princípios e fundamentos da Literatura Comparada	14
2.2.1 Algumas concepções associadas à Literatura Comparada - Interdisciplinaridade, Influência e Intertextualidade	16
2.3 A Literatura Comparada no Brasil	19
3 MACHADO DE ASSIS, ESCRITOR REALISTA – ASPECTOS ESTILÍSTICOS EM <i>ESAÚ E JACÓ</i>	21
3.1 Aspectos biográficos e estilísticos de Machado de Assis	22
3.1.1 Características machadianas	24
3.1.2 O romance <i>Esaú e Jacó</i> – resumo e características	25
4 MILTON HATOUM, ESCRITOR CONTEMPORÂNEO – ASPECTOS ESTILÍSTICOS EM <i>DOIS IRMÃOS</i>	28
4.1 Aspectos biográficos e estilísticos de Milton Hatoum	29
4.1.1 Características de Milton Hatoum	30
4.1.2 O romance <i>Dois irmãos</i> – resumo e características	32
5 ANÁLISE COMPARATIVA DOS ROMANCES <i>ESAÚ E JACÓ</i> E <i>DOIS IRMÃOS</i>...	35
5.1 Relações interdisciplinares – a literatura, a Bíblia e a mitologia	35
5.1.1 A história bíblica de Esaú e Jacó – um arquétipo recorrente	35
5.1.2 O arquétipo dos irmãos nas sociedades e na literatura – O Mito do Duplo	36
5.2 Os escritores de <i>Esaú e Jacó</i> e <i>Dois irmãos</i> e suas influências	39
5.3 <i>Esaú e Jacó</i> e <i>Dois irmãos</i> – alguns aspectos estruturais dos romances	41
5.3.1 As narrativas e seus narradores	41
5.3.2 Alguns personagens relevantes nos romances	43
5.4 Aspectos temáticos e suas intertextualidades	47
5.4.1 Intertextualidades dos romances com o arquétipo bíblico	47
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

Analisar romances literários de diferentes escritores é como viajar em dois mundos, com cenários e dinâmicas diferenciadas, no entanto, pode haver casos em que esses romances transmitirão ideias e temáticas parecidas. Em sua maioria, os romances carregam críticas importantes para a sociedade, de maneira explícita ou implícita, trazendo ainda mais relevância para eles, como é o caso das obras *Esaú e Jacó* e *Dois irmãos*, que aqui serão comparadas. Dessa forma, este trabalho faz um estudo comparativo entre esses romances, com a finalidade de evidenciar diferenças e semelhanças entre eles.

O trabalho tem como objetivo realizar uma análise comparativa dos romances *Esaú e Jacó* e *Dois irmãos*, considerando os aspectos estruturais e temáticos das narrativas em questão. Do ponto de vista temático, privilegia-se como principal intertexto a história bíblica de Esaú e Jacó, compreendida como uma recorrência arquetípica do mito do duplo, também presente na narrativa de Caim e Abel. A delimitação dessa abordagem deve-se inicialmente ao fato de as obras apresentarem histórias de gêmeos antagônicos, com referências que apontam para a narrativa bíblica de Esaú e Jacó, além dos recursos estilísticos adotados por cada escritor.

Assim, para o melhor entendimento da análise comparativa dos romances, tem-se a intenção de responder os seguintes questionamentos: Em quais aspectos estruturais e temáticos as duas obras se assemelham? De que forma se dá o aproveitamento do intertexto bíblico nos romances? Para o alcance de seu objetivo, a realização deste estudo, que tem natureza básica e caráter qualitativo, contou com o aporte teórico de estudiosos como Tânia Carvalhal (2006), Sandra Nitrini (2010), Lucia Miguel Pereira (1936), Roberto Schwarz (2000), Pellegrini (2004); Marcelo Giovani (2021); Adriana do Couto (2014), entre outros.

O interesse por esse objeto de estudo se deu em razão da temática instigante das obras, que provocam uma comparação imediata por apresentarem certas semelhanças, e ainda pela importância de seus autores. Machado de Assis, escritor realista e Milton Hatoum, escritor contemporâneo, são reconhecidos e amplamente lidos e estudados em escolas e universidades.

Diante disso, é necessário apontar que comparar e analisar obras literárias é desafiador, no entanto, é gratificante, entender os enredos, construir uma opinião sobre o livro, investigar de onde vem a criatividade e as influências dos autores, como também

averiguar os detalhes que as obras possuem e seus contextos históricos, principalmente quando se trata de autores brasileiros. Trabalhos como este contribuem para esclarecer dúvidas e expor alguns pontos que, porventura, podem passar despercebidos por muitos leitores.

Esta monografia está dividida em seis capítulos: a Introdução, apresentando a temática e estrutura da pesquisa; o segundo, “Literatura Comparada – origens, bases e perspectivas”, abordando os princípios e enfoques teóricos relacionados aos estudos de Literatura comparada; o terceiro, “Machado de Assis, escritor realista – aspectos estilísticos em *Esau e Jacó*”, abordando sobre o romance *Esau e Jacó* e o escritor realista Machado de Assis, com destaque para a sua trajetória literária e as características estilísticas da obra, a exemplo do a exemplo do triângulo amoroso, da ironia e da intertextualidade; o quarto, “Milton Hatoum, escritor contemporâneo – aspectos estilísticos em *Dois irmãos*”, abordando, de maneira igual modo, o romance *Dois irmãos* e o escritor contemporâneo Milton Hatoum, com ênfase na sua história literária e nas características estilísticas da obra, como o cunho memorialístico, os traços autobiográficos e a intertextualidade; o quinto, “Análise comparativa dos romances *Esau e Jacó* e *Dois irmãos*”, destacando os aspectos estruturais e temáticos semelhantes entre *Dois irmãos* e *Esau e Jacó*, a intertextualidade entre as obras e as recorrências das narrativas bíblica e mitológica. E por último, o capítulo das considerações finais sobre o estudo realizado.

2 LITERATURA COMPARADA – ORIGENS, BASES E PERSPECTIVAS

A Literatura Comparada é um método de estudo que possibilita investigar e relacionar obras que foram ou não produzidas em um mesmo momento, por um autor ou mais, por autores de diferentes países ou do mesmo país; lançando seu olhar para aspectos sociais, culturais e também históricos, dentre outros. Surgiu como disciplina no século XIX, na Europa, sendo “voltada para o estabelecimento das semelhanças e diferenças entre as produções literárias de diferentes países” (Borges, Ferreira e Gercke, 2017, p.160). No entanto, como se observará neste capítulo, foi no século XX que passou a ser vista como ciência.

2.1 Origens e desdobramentos da Literatura Comparada

Embora a literatura comparada tenha surgido em meados do século XIX, segundo Tania Carvalhal (2006), o termo “comparado” já havia sido utilizado muito tempo atrás, na Idade Média. Somente muito tempo depois, surgiu algo mais concreto, com Francis Meres, que aplicou o termo ao título da obra *Discurso comparado de nossos poetas ingleses com os poetas gregos, latinos e italianos*, no ano de 1598.

Bem mais tarde, no século XIX, outras obras disseminaram esse adjetivo, como: *Lições de anatomia comparada* (1800), de Cuvier, a *História comparada dos sistemas de filosofia* (1804), de Degérand, e a *Fisiologia comparada* (1833), de Blainville. Além destas, pode-se citar as antologias elaboradas por Noel e Laplace em 1816, sob o viés do *Curso de literatura comparada*, e que reuniram obras de diferentes origens com o objetivo de analisá-las e compará-las. Para Carvalhal (2006), teria sido Abel-François Villemain quem mais abordou e divulgou sobre a literatura comparada, entre 1828 e 1829, nos cursos sobre literatura em que tratava da literatura.

Em relação a seu ensino, Sandra Nitrini (2010, p.20) enuncia que “Abel Villemain, Jean-Jacques Ampère e Philarete Chasles iniciaram, respectivamente, em 1828, 1830 e 1835, o ensino de literatura comparada nas universidades francesas.” Sobre o assunto, Carvalhal (2006, p.9-10) enfatiza o papel de “Philarete Chasles, que se encarrega de formular alguns princípios básicos do que considerava ser uma ‘história literária comparada’”, agregando sua grande representatividade para o progresso desse campo.

Entre as obras e estudiosos importantes para a história da literatura comparada ao redor do mundo, aponta-se o crítico literário De Sanctis, que ensinou a respeito desse campo em 1863, na Universidade de Nápoles, na Itália, e o livro *Comparative Literature* (1886), de Posnett, que fortaleceu e expandiu ainda mais acerca dos estudos comparatistas na Inglaterra.

Ainda a respeito do ensino, Nitrini (2010) informa sobre a criação de cadeiras de Literatura comparada, em meados século XIX e século XX. Uma dessas foi criada em 1899 na Universidade de Colúmbia, por Louis Betz, o que possibilitou a instalação de um debate mais sistemático a respeito das questões ligadas à disciplina e, em consequência, mais um avanço no seu crescimento como tal:

O debate sobre a especificidade do objeto da literatura comparada atravessa o século XX, sem que se chegue a um desfecho consensual. No final deste século, críticos e teóricos continuam interrogando-se sobre questões que já eram colocadas, há mais de cem anos, e que constituem o miolo de uma discussão ininterrupta: qual é o objeto da literatura comparada? A comparação pode ser objeto de uma disciplina? Se literaturas específicas têm seu cânon, o que seria um cânon comparativo? Como o comparatista seleciona o objeto de comparação? A literatura comparada constitui uma disciplina? Ou é um simples campo de estudos? (Nitrini, 2010, p.23).

Como relatado, muito se buscava sobre a literatura comparada, mas mesmo com tantas pesquisas não se dispunha ainda de teorias suficientes, necessitando de respostas para definir seus objetivos ou seu foco de forma mais clara, as muitas dúvidas e dificuldades sobre o que era e o que estudava essa literatura.

Carvalho (1994) discorre sobre três concepções da literatura comparada: uma primeira que a concebe como “forma de pesquisa que serve do método comparativo” (Carvalho, 1994, p.60); uma segunda que “busca as ideias ou temas literários e acompanha os acontecimentos, as alterações, as agregações, os desenvolvimentos e as influências recíprocas entre as diferentes literaturas” (Carvalho, 1994, p.61); e a terceira, que se relaciona com a história literária, levando em conta “todos os antecedentes da obra literária, próximos e longínquos, práticos e ideais, filosóficos e literários [...]” (Carvalho, 1994, p.63). Essas concepções se completam, ao passo que a literatura comparada é um meio de pesquisa, também busca analisar as relações dos objetos de pesquisa e ainda relações entre culturas, além de levar em conta os antecedentes dos objetos de análise.

2.1.1 A relação com a literatura geral

No início do seu surgimento a literatura comparada passou por diversos processos para se tornar o que é hoje, um desses foi a associação com diferentes termos ou

nomenclaturas que evidenciam a insuficiência para constituir-se em um campo independente. Um dos termos relaciona-se à literatura geral:

Paul Van Tieghem formulou a distinção entre literatura comparada e literatura geral. A primeira tem por objeto o estudo das relações entre duas ou mais literaturas. Tais conexões são argamassadas por contatos binários entre obra e obra, obra e autor, autor e autor etc. Mas uma série de estudos de contatos binários, por exemplo, Schiller na França, Rousseau na Alemanha, não dá conta de movimentos mais gerais nem integra uma história do romantismo. Daí a função da literatura geral, que faria uma síntese dos “fatos comuns de várias literaturas” (Nitrini, 2010, p.25).

Na ótica acima, a literatura comparada e a literatura geral se diferenciariam por ser esta última mais ampla que a primeira. Carvalho (2006, p. 13) declara que “a distinção entre as duas expressões tem constituído ponto de discussão permanente. Alguns autores consideram a literatura geral como um campo mais amplo, que abarcaria o dos estudos comparados”, daí a criação da literatura comparada ser, de certo modo, desnecessária.

Sobre o assunto, Tania Carvalho (2006) destaca que:

Na proposta de Van Tieghem, a literatura comparada passa a ser uma análise preparatória aos trabalhos de literatura geral. Na verdade, a intenção do autor era elaborar uma História Literária Internacional, que se organizaria em três etapas: a história das literaturas nacionais, a literatura comparada (que se ocuparia com a investigação de afinidades) e, finalmente, a literatura geral, que sintetizaria os dados antes colhidos (Carvalho, 2006, p.17-18).

Seguindo esse raciocínio, a literatura comparada era vista como uma etapa para chegar até à compreensão da literatura geral, atraindo olhares de grandes historiadores e passando também, em um determinado momento, a fazer parte também da história literária.

A literatura comparada, sendo uma atividade crítica, não necessita excluir o histórico (sem cair no historicismo), mas ao lidar amplamente com dados literários e extraliterários ela fornece à crítica literária, à historiografia literária e à teoria literária uma base fundamental. Todas essas disciplinas concorrem em conjunto para o estudo do literário, resguardada a especificidade de cada uma (Carvalho, 2006, p.39).

Desse modo, a literatura comparada foi se construindo sem conter uma determinação e um objetivo definitivo, englobando a história e o contexto das obras, no entanto, sem se resumir a isso, pois abrange muitas temáticas e áreas - históricas, culturais, sociais e outras -, como também carrega nomes de grandes pesquisadores, como Abel Villemain, Jean-Jacques e Philarète Chasles, que começaram a incluir a literatura comparada dentro da Universidade.

2.2 Princípios e fundamentos da literatura comparada

De acordo com Borges, Ferreira e Gercke (2017), existem algumas obras que abordam acerca das escolas de pensamento teórico que fundamentaram a Literatura Comparada: a francesa, a norte-americana e a soviética. Essas escolas eram inicialmente grupos de estudos, dotados, cada um, de uma visão diferente de como estudar a literatura comparada.

Segundo Tania Carvalhal (2006), a escola francesa buscava estudar as relações casuais entre obras e também autores. Essa escola enfocava em comparar literaturas distintas, dava ênfase à história geral e também a história literária, e seu precursor era o estudioso Paul Van Tieghem. Em se tratando dos princípios e da metodologia da literatura comparada, Van Tieghem considerava que

O trabalho comparatista não se deve limitar a relacionar textos, uma vez que a vida do autor constitui um fator importante na gênese da obra. A revelação e a difusão de idéias e sentimentos podem, às vezes, partir de um fato histórico ou social. A cronologia é importante na medida em que situa devidamente as aproximações, eliminando-as se forem falsas (Nitrini, 2010, p.32).

A tendência francesa, como visto acima, baseia seu estudo mais no contexto histórico e em aspectos culturais, o que é necessário, pois o teórico evidencia a importância de se saber a origem de determinada obra e de seu autor, como também do tempo em que foi escrita, como aspecto importante no reconhecimento de semelhanças e distanciamentos em relação a outras obras.

Na tendência norte-americana, destaca-se a figura de

René Wellek como contestador da hegemonia francesa nos estudos comparatistas. Esse autor rompeu com o comparatismo tradicional, dando o passo inicial do que ficou conhecido como “escola americana” de Literatura Comparada (Borges, Ferreira e Gercke, 2017, p.25).

Contrariando a vertente anterior, o americano Wellek alega que os franceses não teriam interesse na literatura em si, concedendo mais importância a histórias de viagens, à literatura nacional e à procura de fontes e influências. Ele defende a ideia de que se deve estudar a literatura comparada em uma perspectiva internacional, não se definindo fronteiras para a realização desse estudo.

Guillén fala de um momento francês e de um momento americano: do fim do século XIX até pouco depois da Segunda Guerra Mundial, predominou o exemplo dos comparatistas franceses, que apresentaram um modelo internacional, vinculado à história, e tendo como pano de fundo o conceito de “nacionalidade”; a partir dos

anos 50, os americanos passam a propor um modelo supranacional, ligado às questões mais gerais das literaturas, à crítica e à teoria literária (Nitrini, 2010, p.31).

Desse modo, as escolas francesa e norte-americana detinham métodos diferentes de estudo, pois a primeira baseava-se em métodos históricos e tinha como objeto de estudo o autor, e a segunda realizava estudos de caráter mais paralelísticos, com foco não somente em analisar contextos históricos ou culturais das obras e dos autores, mas na análise dos textos literários em si, visando sua compreensão e interpretação, sem atribuir importância para fatores externos ao texto. Além dessa, Nitrini (2010) evidencia mais uma distinção, visto que os americanos realizavam o estudo comparativo voltado para literatura nacional, enquanto os franceses realizavam estudos comparados com duas literaturas distintas.

Por sua vez, a escola soviética se empenha em mostrar a literatura como uma representação da sociedade. Nessa perspectiva, a distinção entre literaturas passa a ser realizada através de análises do contexto cultural e social em que a obra se insere, para assim buscar as convergências entre as obras. Sobre a tendência marxista, os autores Borges, Ferreira e Gercke (2017) alegam que:

Com a escola soviética, entre as décadas de 1950 e 1960, acontece a renovação dos estudos da Literatura Comparada. Nesse contexto, há o fim da influência preponderante das escolas francesa e norte-americana. A literatura passa a ser compreendida como produto da sociedade, com a distinção entre analogias tipológicas e influências culturais. Os estudos literários passam a priorizar a questão social (Borges, Ferreira e Gercke, 2017, p.26).

Observa-se então que no percurso de sua formação existiam grupos que se confrontavam para definir os métodos e objetivos da literatura comparada, enquanto a escola francesa e a norte-americana enfocavam algo específico, como o autor ou o texto literário, a soviética renovou a área relacionando a literatura com a sociedade. Desse modo, buscava distinguir a literatura de acordo com as analogias tipológicas, em outras palavras, diferenciar as obras de acordo com suas próprias características e seus padrões que estabelecem semelhanças. Também miravam as influências culturais e sociais, as quais ajudam no momento de fazer a investigação e a comparação.

Assim, nota-se a relação e importância de cada uma dessas escolas, que juntas desempenharam papéis extremamente significativos para a literatura comparada se tornar o que é atualmente.

2.2.1 Algumas concepções associadas à Literatura Comparada - Interdisciplinaridade, Influência e Intertextualidade

Ao se referir à literatura comparada como campo dedicado ao estudo de semelhanças e diferenças entre as obras e os autores que possuem características particulares, é interessante destacar alguns aspectos e conceitos caros a esse campo que auxiliarão no entendimento e na utilização do método comparativo, tais como a interdisciplinaridade, influência e intertextualidade.

— Interdisciplinaridade

A interdisciplinaridade proporciona visões amplas em se tratando de conhecimento, estabelece abertura para novos caminhos de estudos e pesquisas, aprimora diálogos com diversas áreas de conhecimentos, e na literatura comparada essa abordagem possui extrema significância, pois também se relaciona com diferentes disciplinas.

Segundo Nitrini (2010), com o crescimento dos cursos nas universidades norte-americanas, houve a necessidade de ampliar o campo da literatura comparada e questionar o seu objeto de estudo. Dessa maneira, surge o seu caráter interdisciplinar, o qual é uma proposta da década de 60, do pesquisador Henry Remak, validada no ano de 1993, por meio de um relatório apresentado para a Associação Americana de Literatura Comparada, favorecendo a atribuição da interdisciplinaridade na literatura comparada.

Mais tarde, outra situação apontada por Nitrini (2010) e que reforça essa necessidade, era que muitos pesquisadores e universidades passaram a aderir aos estudos culturais na literatura comparada, de modo que estudavam outras ciências, fazendo também análises sociológicas, em meados da década de 80.

Outros campos da investigação comparativista também progrediram com o reforço teórico, entre eles o das relações interdisciplinares. Literatura e artes, literatura e psicologia, literatura e folclore, literatura e história se tornaram objeto de estudos regulares que ampliaram os pontos de interesse e as formas de "pôr em relação", características da literatura comparada (Carvalho, 2006, p.73).

Ou seja, esse torna-se o diferencial da literatura comparada, poder fazer comparação com uma ou mais literaturas, e até mesmo com outros campos de estudo e outras disciplinas, como Sociologia, Filosofia, História, entre outros, deixando de ser convencional ao ultrapassar essas fronteiras.

— Influência

A influência também era um termo muito utilizado desde o surgimento da literatura comparada, porque na época seus estudos eram voltados principalmente para buscar as influências e também fontes nas obras. Nitrini (2010) discorre que a influência pode ser interpretada de duas formas, uma em que é considerada como a soma de relações de contato por meio do emissor e receptor, em que o autor (emissor) influencia o leitor (receptor) a recriar outras obras voltadas para as mesmas técnicas ou conteúdos, resultando em nova obra que sofreu influências.

A outra forma é de ordem qualitativa, em que a influência ocorre através do resultado autônomo da obra, visto que, por mais que exista uma relação de contato entre as obras ou autores, mesmo havendo indícios de influência entre o autor e a fonte de inspiração, as obras não deixam de ter autonomia e personalidade própria, todas possuem um traço de individualidade.

Esse termo chegou a ser criticado por ser relacionado e até ser confundido com a *imitação*, no entanto Nitrini esclarece que a imitação adere a procedimentos parecidos com os que outro autor já utilizou, já a influência não deixa tão perceptível como uma obra sofreu influência. A estudiosa também destaca uma ideia de Antonio Candido sobre influência, declarando que “não se sabe nunca o grau de significação das influências, considerando-se que há aqueles que não se manifestam visivelmente” (Nitrini, 2010, p.204).

Observada a cautela na consideração acerca da imitação, é interessante destacar a ideia de que a influência está presente em todas as obras. Nesta ótica, os autores Borges, Ferreira e Gercke (2017) abordam que:

a literatura é produzida em um constante diálogo de textos, por influência, empréstimo e trocas. A literatura nasce da própria literatura e podemos considerar que cada nova obra é uma continuação de obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes (Borges, Ferreira e Gercke, 2017, p.125).

Os autores supracitados afirmam que toda obra nasce de outra mais antiga, desta maneira nada vem do zero, não existindo autores que escrevem algo que não nasça de uma inspiração, pois para se escrever algo sempre vai haver uma influência, e “o pesquisador deve ter em mente que não há uma extrema individualidade do autor na criação de uma obra” (Borges, Ferreira e Gercke, 2017, p.127), tendo em vista que os livros carregam elementos de criação sempre vistos em outros.

— Intertextualidade

Além da influência e da fonte, a intertextualidade tem sido bastante estudada nos últimos anos, foi “justamente na esteira de Tynianov e Bakhtin que Julia Kristeva chegou à noção de ‘intertextualidade’, termo por ela cunhado em 1969, para designar o processo de produtividade do texto literário” (Carvalho, 2006, p.50).

A intertextualidade constitui-se para alguns autores uma versão renovada da influência e da fonte, como afirma (Carvalho, 2006, p.51) “embora Julia Kristeva tenha querido desvincular a questão da intertextualidade do estudo de fontes, na verdade o conceito contribuiu para que ele fosse renovado”, pois esse meio de estudo vai além de identificar a influência e fonte das obras, a intertextualidade realiza o reconhecimento que uma obra está em diálogo com a outra ou com outras artes, e ainda proporciona abordagens para entender como ocorre esses constantes diálogos.

A intertextualidade pode ser entendida como a presença ou referência de um elemento em outro, às vezes de forma explícita e às vezes também implícita, e pode acontecer em textos, em artes, na literatura, de forma visual, escrita, na música, no cinema, etc., “enquanto concessão de um texto a partir de outro já existente, se revela imprescindível como procedimento para a verificação das relações dialógicas entre textos” (Borges, Ferreira e Gercke, 2017, p.172). Com outras palavras, ela é indispensável quando existe um texto que surgiu a partir de outro, pois é através da intertextualidade que ocorre essa investigação.

De acordo com Sandra Nitrini:

Leituras interessantes e esclarecedoras de obras literárias podem ser feitas, levando-se em consideração a intertextualidade explícita. Em contrapartida, a intertextualidade implícita revela-se tão problemática e delicada quanto o conceito de influência (Nitrini, 2010, p.167).

Como mencionado, a intertextualidade torna a leitura mais enriquecedora, e as análises de textos mais profundas e críticas, por outro lado é bastante complexa quando se faz presente de forma implícita, tornando-se desafiador identificá-la nos textos, o que vai depender do conhecimento que o leitor tem sobre outros textos e outras visões a respeito de determinado assunto para serem identificadas.

Em resumo, a intertextualidade é usada para identificar um elemento presente em outro, e também ser utilizada para expressar uma opinião, uma crítica ou reflexão. Esse método de análise favorece a criação de novas literaturas e artes, pois existe a busca de

relacionar algo que já foi feito com algo novo, pelo viés da intertextualidade pode-se buscar obras que servirão de inspiração para elaboração de outras obras, trabalhos que se tornarão importantes meios de pesquisa, e entendimento do que já foi realizado, e acontece intertextualidade quando os leitores fazem a verificação de como os textos dialogam entre si.

2.3 A Literatura Comparada no Brasil

No Brasil ocorreu a institucionalização da Literatura Comparada entre os anos de 1950 e 1960, mas, como meio de estudo, essa disciplina chegou ao Brasil muito antes. Nitrini (2010) destaca alguns estudiosos que marcaram o surgimento da literatura comparada no país, como: João Ribeiro, que escreveu sobre a literatura comparada em *Páginas de Estética* (1905). Antônio Sales Campos, o qual escreveu a primeira tese na área, *Origens e evolução dos temas da Primeira Geração de poetas Românticos Brasileiros* (1945); Fidelino Figueiredo, que escreveu o artigo *Shakespeare e Garrett* (1950), fazendo uso da Literatura comparada; Tobias Barreto, que publicou o ensaio *Traços de literatura comparada do século XIX* (1887), um dos mais antigos trabalhos nesse âmbito. Além desses,

Eugênio Gomes manifesta em vários trabalhos na imprensa a tendência comparativista que cristaliza, definitivamente, em *Machado de Assis — Influências inglesas* (1939), onde trata de identificar essas fontes na obra do autor de Brás Cubas, acrescentando-lhes ainda a sugestão de Victor Hugo (Carvalho, 2006, p.23-24).

Conforme Sandra Nitrini (2010), até os anos 60, havia somente dois livros teóricos relacionados diretamente à literatura comparada como um campo de estudos sistematizado e organizado: a tradução de *La littérature comparée* (1956), de Marius Guyard, e o manual *Literatura comparada* (1964) de Tasso da Silveira.

Nesse contexto, vale destacar o papel do escritor Antonio Candido que mesmo inseriu na Universidade de São Paulo a literatura comparada em 1962 e quis transformar a disciplina Teoria Literária em Teoria Literária e Literatura Comparada, garantindo com isso um espaço para essa literatura na academia. Também produziu a obra *Formação da Literatura Brasileira* (1959), responsável por iniciar as produções comparatistas brasileiras.

Candido impulsionou outros pesquisadores a adentrar nos estudos comparatistas. Sua obra, acima mencionada, é carregada de conceitos e concepções sobre a literatura e pontua o relevante papel de seu autor como “instaurador de uma tradição de estudos acadêmicos de literatura comparada que fogem às vulnerabilidades da literatura comparada

tradicional” (Nitrini, 2010, p.192). Dessa maneira, o estudioso contribuiu para que novos estudiosos tivessem onde encontrar uma perspectiva mais sólida sobre o campo de estudo.

Após esse período da institucionalização, outros escritores brasileiros que também se destacaram foram o professor Afrânio Coutinho, escritor do artigo *Conceitos e Vantagens da Literatura Comparada* (1976), no qual aborda sobre o comparatismo; e Tania Carvalhal, que escreveu *Literatura Comparada* (1986).

Finalmente, observou-se que a literatura comparada é um campo de pesquisa que possui considerável importância nos dias atuais. Por meio dela, desenvolveram-se muitos estudos que possibilitaram apreciação de trabalhos sobre autores e obras de diferentes países e que viveram em épocas e realidades bem distantes, mas que detêm influências e estabelecem relações entre si.

Sua diversidade e extensão não se restringem a autores e obras,

Atualmente, o objeto de estudo da literatura comparada foi ampliado, não sendo mais o mero confronto de dois autores de nacionalidades diferentes. O que se procura é uma comparação feita a diversos níveis: entre literatura e literatura, entre literatura e arte, entre literatura e ciências sociais e assim por diante (Giacomolli, 2014, p.186).

Observa-se que a literatura comparada modificou-se em relação aos métodos e ao objeto de estudo, os quais variam de acordo com as necessidades de cada pesquisa. Assim, a comparação não é apenas um método pelo qual se descobre algo que as obras possuem em comum, mas, através da análise e interpretação, procura semelhanças e diferenças, contextos, linguagens, e aquilo que o autor quis dizer no implícito.

Essa ampla área da literatura permite inúmeras possibilidades através de análises linguística, histórica, semântica e temática, com obras nacionais e internacionais. Nesse cenário, é importante assinalar que o texto literário já não é mais o único objeto da literatura comparada, enriquecido e mais livre passou a aderir mais objetos, proporcionando diferentes formas de analisar artes, tempos, épocas, sociedades, relações humanas, entre outras possibilidades para sua expansão.

3 MACHADO DE ASSIS, ESCRITOR REALISTA – ASPECTOS ESTILÍSTICOS EM *ESAÚ E JACÓ*

Machado de Assis, incontestavelmente, é um grande representante da literatura brasileira, escreveu romances, poesias, contos, crônicas, teatro, e de acordo com Pereira (1936) também um admirável crítico da sua época. Muitas de suas obras receberam reconhecimentos e impactaram positivamente a literatura nacional e até mesmo a internacional, pois sua maneira de expor criticamente situações da sociedade de sua época, chamou atenção de estudiosos, principalmente na sua fase realista.

O mundo passava por diversas mudanças culturais, econômicas e sociais quando o Realismo surgiu no século XIX, tais como o surgimento de novas tecnologias e o crescimento urbano, em meio à Revolução Industrial, que proporcionou também mudanças no mercado de trabalho e avanços em pesquisas científicas. Esse movimento literário sofreu ainda algumas influências políticas e filosóficas, dentre essas, o Positivismo, corrente que possui como principais abordagens, a valorização da ciência, e a realidade objetiva e empírica.

De acordo com Tânia Pellegrini (2007) quando o realismo se consolida como postura e método, o

romance passa a ser o gênero literário dominante, porque exprime, da forma mais compreensível e profunda, o problema cultural do período: a antítese entre o indivíduo e a sociedade; não é mais possível caracterizar um personagem sem atender à sociedade, bem como admitir sua evolução fora de um meio social específico (Pellegrini, 2007, p.145).

No campo da literatura, a publicação do romance *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, deu o início a era realista na França. A obra narra a história de Ema Bovary, trazendo a temática do adultério de uma forma inovadora para a época, além de críticas, dentre as quais à idealização do amor. A ficção realista expressa a realidade então vivida deixando de ser uma literatura apenas para se admirar e distrair, mas para se criticar e contestar a sociedade burguesa, ao contrário do Romantismo.

Entre as principais características do Realismo, é válido destacar sua objetividade, uma vez que fornece as obras com uma narrativa direta, não que seja resumida, mas que transmite visões e reflexões reais da sociedade. Nesse ponto, Bosi (2006) confirma que existe “um esforço, por parte do escritor antirromântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos,

das pessoas. E uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século” (Bosi, 2006, p.177).

Outras características relevantes são a reprodução de uma realidade baseada na sua observação, com a descrição de personagens como indivíduos comuns, sem idealizações; a utilização de uma linguagem simples e de fácil entendimento, valendo-se de termos e palavras comuns para as pessoas da época; a crítica à sociedade, como por exemplo, à escravidão, à classe burguesa, e também ao Clero, por meio dessas questões, os escritores enunciavam desigualdades e abusos do poder. Como afirma Pellegrini (2007, p.138) “mais do que uma técnica específica, o realismo foi compreendido como um modo de representar com precisão e nitidez os detalhes de um *quotidiano burguês*”.

No Brasil, a obra que marcou o surgimento do realismo foi *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, cujo protagonista é um “liberal, cientista, filósofo, político ou poeta” (Schwarz, 2000, p.86). Brás Cubas narra sua história de maneira inovadora e também irônica após sua morte:

entre as feições espetaculares das *Memórias* está. o tratamento “temperamental” dispensado a espaço e tempo. O teor tão *absoluto* da volubilidade se deve, como não podia deixar de ser, a uma posição relativa, ou seja, ao desrespeito à convenção realista, que, embora destrutada, fica sendo a norma pressuposta. (Schwarz, 2000, p.125).

Com isso, ressalta seu distanciamento do convencionalismo na utilização do espaço e do tempo na literatura, bem como a inovação da temática usada no romance, que ultrapassou tradicionais formas de narrar.

3.1 Aspectos biográficos e estilísticos de Machado de Assis

O escritor Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), nasceu no Rio de Janeiro. Cedo tornou-se órfão de mãe e depois do pai, sendo criado pela madrasta. Desde a infância interessava-se pelas leituras, “o pequeno leitor atirava-se sofregamente ao volume, avido de aprender, de saber. Movia-o o prazer de se instruir, a sua infatigável curiosidade intelectual, mas também a vontade de ser alguém, de subir, de forçar a mão ao destino” (Pereira, 1936, p.37). Logo na adolescência, começou a mostrar seus talentos e, por volta dos seus dezesseis anos, publicou seu primeiro poema.

Sempre muito dedicado começou a trabalhar como aprendiz de tipógrafo, e em seguida tornou-se revisor. Escreveu para diversas revistas, dentre elas *A Marmota*, onde escreveu alguns de seus primeiros versos, e a *Revista Brasileira*, onde publicou *Memórias*

póstumas de Brás Cubas. Mais tarde tornou-se um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras e seu primeiro presidente.

Escreveu diversas obras, incluindo gêneros como romances, teatro, poesias e contos. Teve duas fases durante a escrita dos seus romances, a romântica, marcada pelas obras *Ressurreição* (1870), *A mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876), e *Iaiá Garcia* (1878). Esse “primeiro momento da prosa machadiana revela, de fato, elementos do Romantismo, mas ultrapassa-os largamente e já prefigura temas e tratamentos que apareceriam depois” (Experiência, 2008, p.245). Porém,

sua composição textual se sofisticava, aumenta sua agudeza crítica, ainda dentro de uma concepção realista de romance em que a psicologia dos personagens é codeterminada pelo ambiente social – fazendo com que a crítica social e a psicologia dos personagens se complexifiquem conjuntamente (Almada, Chagas e Moreira, 2022, p.245).

Em resumo, Machado evolui nas suas maneiras de criticar as questões sociais que lhe cercam, conforme declaram os autores supracitados a respeito do Brasil, o escritor passou a olhá-lo em aspectos variados, relacionados aos contextos e seus agentes. Deixam claro ainda que o mestre realista não mudou completamente sua metodologia, e também “não necessariamente passou a teorizar mais ou melhor o Brasil” (Almada, Chagas e Moreira, 2022, p.246).

É nesse momento “que o escritor atinge, realmente, o auge no domínio da técnica realista, mas inovando-a com uma gama de recursos narrativos que não se restringem à mera mimese da realidade” (Experiência, 2008, p.111), pois introduz outros recursos narrativos, como por exemplo, as figuras de linguagens. Nessa nova perspectiva, escreve os romances de sua segunda fase: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891), *Dom Casmurro* (1899) e *Esau e Jacó* (1904) e *Memorial de Aires* (1908), seus dois últimos livros.

Machado de Assis é um escritor que manuseia a arte da escrita com a habilidade de um artista que pinta e dá vida às suas obras, tanto que a comparação entre arte e vida pela crítica é inevitável. A astúcia deste mestre das letras é envolver o leitor em sua rede de criação, exprimindo uma realidade inventada que emociona, prende a atenção, inquieta, maravilha; faz sofrer, sonhar [...] (Tokashiki, 2014, p.20).

Desse modo, Machado mostrou seu domínio pela escrita, e maneira de fazer críticas a respeito de temas que no seu tempo não eram muito comentados, como por exemplo, as hipocrisias da sociedade, a infidelidade, a política, entre outros.

A respeito da sua vida pessoal, é interessante destacar que foi casado com Carolina Augusta Xavier, a qual

vae inspirar a obra prima do Memorial de Assis, como inspirou, mais veladamente embora, o grande carinho do romancista pelas mulheres puras e boas, pela mãe do Bentinho, pela Natividade de Esaú e Jacob, por todas essas mães e esposas admiráveis, que são, nos seus livros, a encarnação e o penhor da dignidade humana (Pereira, 1936, p.37).

Conforme mencionado, ela foi uma grande inspiração de Machado de Assis, que a amava tanto quanto sentia ciúmes. Carolina o apoiava e ajudava nas suas produções literárias durante os trinta e cinco anos que viveu com ele, mas no ano de 1904 sua amada morre e o deixa em uma profunda solidão e tristeza.

3.1.1 Características machadianas

Machado tem toda a sua credibilidade e fama por ter sido um escritor com grande criatividade para elaborar suas obras, e soube usar as palavras e técnicas corretas para chamar atenção de leitores, isto é, criou personagens repletos de personalidades profundas, como também possui características representativas, tais como: a análise psicológica, figuras femininas dissimuladas, infidelidade conjugal, a ironia, entre outras.

A análise psicológica está presente em quase todas suas obras, “de Ressurreição ao Memorial de Aires todos os seus romances são determinados pelo entrosque das paixões e dos temperamentos das personagens” (Pereira, 1936, p.157). Machado buscava sempre fazer o leitor conhecer os sentimentos e dilemas que orientavam, internamente, a vida de seus personagens, exemplo claro disso está na obra *Dom Casmurro*, capítulo CXLVII, “A exposição retrospectiva”:

Já sabes que a minha alma, por mais lacerada que tenha sido, não ficou aí para um canto como uma flor lívida e solitária. Não lhe dei essa cor ou descor. Vivi o melhor que pude sem me faltarem amigas que me consolassem da primeira. Caprichos de pouca dura, é verdade (Assis, 2009, p.231).

Também em seus livros a figura feminina desempenha papéis fundamentais nas narrativas, em *Dom Casmurro*, por exemplo, a personagem Capitu tem bastante destaque devido aos segredos e dúvidas que a envolvem, gerando sua importância na trama. Capitu representa uma linhagem de personagens machadianas com perfil semelhante, bastante recorrente nas obras machadianas: enigmática e dissimulada.

O tema da infidelidade amorosa constitui uma característica temática muito evidenciada nos romances e contos desse autor, sendo geralmente marcada pela existência de um triângulo amoroso. Aparece, por exemplo, no livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*,

tendo em vista que o personagem Brás Cubas se relaciona com a esposa de Virgília, mulher de Lobo Neves. O estudioso Schwarz (2000, p.86) comenta a respeito: “Nada mais medíocre e menos romanesco do que o triângulo amoroso formado por Virgília, Brás Cubas e Lobo Neves. Com empenho módico, o amante procura tomar a mulher ao marido, mas logo se acomoda no adultério”.

O emprego da ironia marca a construção linguística nas obras machadianas e estaria associada, de acordo com Pereira (1936), a certos eventos da vida do escritor. O mestre da literatura realista não obteve apenas sucesso durante sua vida, mas passou por algumas frustrações, relacionados à questão de saúde, pois sofria de epilepsia, e segundo Pereira (1936), o escritor teve uma crise no ano de 1879, que resultou na sua nova visão sobre os homens, isto é, uma “visão interior, implacável e penetrante” (Pereira, 1936, p.217). Pode-se dizer que a nova visão dos homens impulsionou-o a escrever suas obras realistas.

3.1.2 O romance *Esau e Jacó* – resumo e características

Em seu romance *Esau e Jacó*, Machado retrata a história dos gêmeos Pedro e Paulo, filhos de Natividade e Santos. A mãe temia sobre o futuro dos filhos, queria saber quais seriam seus destinos, sonhava em vê-los atuando como médicos, advogados, engenheiros, ou até mesmo banqueiros. Então resolveu procurar a cabocla do Castelo, vidente que lhe diz que os filhos haviam brigado antes mesmo de nascer, entretanto, apesar disso, teriam um destino bom, com: “Coisas bonitas, coisas futuras!” (Assis, 2012, p.6). Segundo a vidente, seriam felizes, grandes e gloriosos, embora não afirmasse a qualidade de tais glórias. Satisfeita, Natividade só se atentou a ouvir o lado bom das coisas.

Os filhos cresciam e continuavam brigando bastante, apesar de fisicamente iguais, possuíam grandes diferenças de opiniões, sendo o oposto um do outro, e a política é um dos principais motivos dos desentendimentos entre os gêmeos, pois enquanto Paulo apoiava a república, Pedro defendia o império, e quando adultos ainda envolvidos na política, tornaram-se deputados.

Outro fato que contribuiu ainda para acirrar os conflitos foi se apaixonarem pela mesma moça, a Flora, e ela por eles.

Parecera-lhe antes que Flora não aceitava um nem outro, logo depois que os aceitava a ambos, e mais tarde um e outro alternadamente. Concluiu que ainda não sentiria nada particular e decisivo; naturalmente iria com os tempos, a ver qual destes a merecia deveras. Eles é que pareciam sentir igual inclinação e igual ciúme. (Assis, 2012, p.95).

Esta vivia apaixonada e angustiada pela indecisão de não saber a quem escolher ou não querer escolher a nenhum, devido ao medo de que um deles sofresse, devido essa dúvida, a doce moça adoeceu e morreu.

Em um certo dia, os gêmeos se encontraram no cemitério onde Flora havia sido enterrada, conversaram na tentativa de se reconciliarem, e, por cima da cova da moça, deram-se um aperto de mãos, em ato que selava a promessa de conciliação que, no entanto, não durou. Tempos depois, Natividade ficou doente, e quando estava entre a vida e morte, pediu para chamar os filhos, fazendo-os jurar que seriam amigos para sempre, “- Amigos para todo sempre? – Sim - Sim” (Assis, 2012, p.127), mas também o juramento feito à mãe não durou e os gêmeos continuaram a se detestar.

— Alguns aspectos da estilística machadiana em *Esaú e Jacó*

A presença da ironia é recorrente na obra, podendo ser exemplificada nos capítulos LXII e LXIII, que tratam da confeitaria de Custódio, personagem em dúvida sobre qual nome lhe colocar, se deixaria “Confeitaria do Império” ou trocava por “Confeitaria da República”, devido à situação do Brasil naquele momento: “Aires propôs-lhe um meio-termo, um título que iria com ambas as hipóteses, - ‘Confeitaria do Governo’. – Tanto serve para um regime como para outro” (Assis, 2012, p.73). O fato é que Custódio não se importava com a reforma, mas sim com o trabalho, e se iria perder seus clientes ou ganhar mais clientes, perder ou ganhar dinheiro.

Em *Esaú e Jacó*, Machado interage com o leitor fictício, o narratário, seja explicando algo, chamando a atenção para o texto, ou sugerindo que tire suas conclusões, como no trecho: “Leitor, não é muito que percebas a causa daquela expressão e desses dedos abotoados” (Assis, 2012, p.11), ou ainda em: “Tudo isso restrinjo só para não enfadar a leitora curiosa de ver os meus meninos homens e acabados” (Assis, 2012, p.23).

Outras características machadianas nessa obra são: a presença do triângulo amoroso envolvendo os personagens Pedro, Paulo e Flora, apaixonada pelos dois e eles por ela; o foco na classe burguesa a que pertence os Gêmeos; a intertextualidade, que ocorre bastante nesse livro, notando-se logo no início na vinculação que se faz com o romance ao *Memorial de Aires*, através da referência à figura do Conselheiro Aires: “diplomata aposentado, homem polido e medido, que se punha à margem da existencia e apreciava, entre interessado e entediado, o espetáculo da vida humana” (Pereira, 1936, p.276), e ainda em

várias referências a outros textos nas quais sobressaem as referências bíblicas, particularmente a da história dos gêmeos Esaú e Jacó, presente em *Gênesis*.

Uma curiosidade relacionada à realidade presentificada na obra é a inserção do cenário político brasileiro da época nas figuras dos irmãos, Pedro, o imperialista, e Paulo, o republicano: “Paulo entrou a fazer oposição ao governo, ao passo que Pedro moderava o tom e o sentido, e acabava aceitando o regime republicano, objeto de tantas desavenças” (Assis, 2012, p.122), observando-se então uma espécie de metaforização da situação política no país.

4 MILTON HATOUM, ESCRITOR CONTEMPORÂNEO – ASPECTOS ESTILÍSTICOS EM *DOIS IRMÃOS*

Milton Hatoum é um dos grandes nomes da literatura atual, conhecido por ambientar em suas obras o cenário da região de Manaus-AM, onde nasceu e viveu sua infância, e atravessá-las por um caráter memorialístico. Ao longo da sua trajetória no meio literário o escritor ganhou vários prêmios, somente o prêmio Jabuti foram quatro vezes, dada a sua relevância na atualidade.

A literatura contemporânea tem origem no século XX, a partir do final do Modernismo, logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). De acordo com Massaud Moisés (2019), diversas tendências atravessaram a narrativa contemporânea, percorrendo os dias atuais, no entanto é difícil descrever sua linha histórica:

Várias tendências podem ser apontadas, alguns “ismos” assinalados, denotando a permanência da tradição ou a irrupção do novo, mas nem suas fronteiras se apresentam bem marcadas, nem seus cultores se caracterizam pela ortodoxia. Em mais de um caso, avistamos correntes cruzadas, superpostas, manchas de cor que se misturam, gerando uma ficção avessa a soluções estanques. O fenômeno da fusão e confusão opera-se em larga escala, dificultando o estabelecimento de linhagens ou cronologias estanques (Moisés, 2019, p.245).

Muito dessa diversidade, surge por causa das mudanças culturais, tecnológicas, econômicas e políticas, daquele momento. Diante dessas transformações, os escritores passaram a ter novas visões de mundo, como também a dispor de mais temas para trabalharem. Nessa literatura, algumas características centrais na escrita são o uso de novas técnicas (texto com imagens, recursos gráficos, etc.), que seguem o experimentalismo do início do séc. XX; a intertextualidade como formas de constituição do discurso literário e a utilização como matéria privilegiada dos temas sociais, históricos, regionais e culturais.

Essa literatura apresenta ainda uma variedade de vertentes, como já assinalou Moisés (2019), podendo-se exemplificar com: o engajamento de uma literatura encarregada fazer denúncias, abordando sobre violência, questões políticas etc.; o realismo mágico, mistura do real com o não real, como a criação de coisas e seres fantásticos; e o universo urbano, destacando a vida, os desafios e conflitos das pessoas nas cidades.

Merecem ainda relevância na contemporaneidade as tendências que associam a literatura à história e ainda à memória. Em relação à literatura e história, são áreas que se misturam nas obras, pois nelas a “ficção transpõe, recria e reinventa fatos e personalidades

históricos, dando-lhes novas interpretações no universo romanesco” (Botoso, 2010, p.38), promovendo aos leitores maneiras diferentes de imaginar eventos históricos.

São vários os escritores que se empenharam em trilhar esse caminho. O português António Lobo Antunes é um exemplo dos que estabelecem essa relação, a como se pode perceber em romances como *Memória de Elefante* (1979) e *A Outra Margem do Mar* (2019), ambos enfocando de modo mais ou menos explícito eventos ligados à colonização portuguesa em Angola. Também no Brasil a vertente tem conquistado muitos adeptos, como a escritora Ana Miranda (1951), que enfoca elementos que compuseram a história do Brasil, exemplo disso é a obra *Boca do Inferno* (1989), que centralizando-se na figura de Gregório de matos, aborda sobre a Bahia no século XVII, e *Desmundo* (1996), narrativa contada por uma mulher e que explora sobre mulheres no período da colonização do Brasil.

Outra vertente é a que relaciona literatura e memória, envolvendo algumas narrativas que operam viagens ao passado relatadas pelos personagens, através das lembranças, as quais contribuem para elaboração do enredo, para rememorar, explicar algo, relacionar, ou até mesmo fazer o leitor ter uma visão mais ampla do personagem ou de alguma situação. Nessa linha que promove um entrecruzamento entre literatura e memória no tratamento de eventos ficcionais ou históricos pode-se apontar Milton Hatoum (1952), que tem se destacado desde a sua primeira narrativa. Em *Relato de um certo Oriente* (1989), romance construído por relatos contados por diferentes pessoas, as memórias ajudam a compor a narrativa.

4.1 Aspectos biográficos e estilísticos de Milton Hatoum

Milton Hatoum nasceu em 1952, em Manaus, mas ainda adolescente mudou-se para Brasília para estudar, após concluir sua graduação em Arquitetura, tornou-se professor na Universidade de Taubaté. Mudou-se para França em 1980, onde estudou literatura, retornando anos depois para lecionar na Universidade Federal do Amazonas.

Após a publicação de seu primeiro romance, *Relato de um certo Oriente* (1989), Milton Hatoum dedicou-se totalmente à literatura e escrita de seus próximos livros. Afastou-se da carreira de professor para se concentrar em *Dois irmãos* (2000): “acompanhou o processo de escrita de seu segundo livro que levou aproximadamente dez anos para sair. Essa demora foi interpretada no mundo literário como devoção à arte pura e desinteresse pelo sucesso comercial” (Stella, 2021, p.269).

Posteriormente, já morando em São Paulo, casou-se com Ruth Lanna e ingressou no trabalho como colunista no jornal “O estado de S. Paulo”. Com o passar do tempo escreveu outras obras, entre elas se destacam: *Cinzas do Norte* (2005); *A cidade ilhada* (2006); *Orfãos do Eldorado* (2009); *Um solitário à espreita* (2013); e *Pontos de fuga* (2019). Seus livros “foram traduzidos para doze idiomas, em catorze países diferentes” (Stella, 2021, p.270) e alguns lhe renderam prêmios importantes como: Jabuti, APCA, Livro do Ano, Bravo! e Portugal Telecom.

Sobre Milton, Moura declara que:

O escritor amazonense, como demostramos, tem um reconhecimento notório e é um dos artistas mais relevantes da atualidade, tendo suas obras traduzidas para diversas línguas, bem como suscitado interesses da academia que ao longo dos anos produziu artigos, dissertações e teses a respeito do seu trabalho (Moura, 2020, p.18).

Em suma, Milton Hatoum tornou-se esse escritor contemporâneo muito conhecido, e conquistou seu lugar na literatura, por sua habilidade e criatividade em escrever obras com elementos que despertam curiosidade e reflexões no leitor, trazidos por meio de retratos da sociedade.

4.1.1 Características de Milton Hatoum

A principal característica de Milton Hatoum é viés memorialístico presente em todas as obras. Como já mencionado, em *Relato de um certo Oriente* (1989), contém muitos relatos compostos pela rememoração, uma vez que, ao voltar para a cidade natal, sua narradora relembra fatos sobre sua vida e da mãe. Mas, além dessa narradora principal, ocorre também narrações por outros personagens, cujas histórias a narradora quer relembrar.

Outras características de Milton Hatoum são os destaques aos aspectos socioculturais e geográficos, presentes, por exemplo, em *Cinzas do Norte* (2005), romance que narra a intensa amizade do personagem Mundo com o personagem Lavo. Em geral, suas narrativas são ricas em detalhes dos lugares e vilas de Manaus, além do cotidiano dos moradores da região, sua vida simples, pobreza e amizade.

A literatura de Hatoum também apresenta certo engajamento social, através do qual esboça suas críticas sociais, narra violências, abusos e a pobreza. Além disso, usa uma linguagem clara, simples e acessível, garantindo entendimento e a compreensão das obras, sem deixar de ser envolvente e transmitir emoção. Aborda em seus livros situações parecidas

com as que ele viveu na infância e até na fase adulta, dando a perceber diversos traços biográficos na sua produção.

Conforme ele mesmo declara: “não consigo desvincular aquilo que eu escrevo, da minha vida, as vezes eu tento, mas sai muito artificial” (Hatoum, 2017), o que é visível, por exemplo em *Dois irmãos* (2000), ao mencionar que o personagem Omar é um pouco dele na ficção, pois houve uma época em que vivia livremente e fazia o desejava, além de ter sido preso, assim como o personagem:

em 1970 mudou-se da capital federal (no período brasileiro foi preso em uma passeata contra o regime militar e logo depois solto, fato que resultou num trauma com a ditadura, conforme relata em diversas oportunidades) para São Paulo com o objetivo de estudar arquitetura na USP [...] (Stella, 2021, p.269).

Milton Hatoum tem uma marca do regional, visto que faz uso do cenário amazonense nas suas obras, realizando ricas representações do espaço e da cultura. Mas, aliada ao universo local, inspira-se também em outros ambientes:

esse *regionalismo revisitado* de Hatoum consiste, portanto, numa mescla de elementos que brotam de todos os matizes de uma matéria dada por uma região específica, com outros advindos de matrizes narrativas de inspiração européia e urbana, formadoras da nossa literatura, tudo filtrado por um olhar que contém horizontes perdidos num certo oriente e num outro tempo. Com isso, o autor revitaliza o gênero, num momento da história da ficção brasileira em que ele parecia aos poucos estar se esgotando (Pellegrini, 2004, p.129).

O uso o frequente do cenário regional faz parecer que ele é um grande patriota, no entanto, quando questionado em entrevista se essa utilização tem relação com a noção de pátria, Hatoum declara:

[...] eu não me preocupo muito com isso. Também acho que é uma tendência contemporânea, inclusive da globalização, você achar que pertence a todos os lugares, que acaba não pertencendo a nenhum. Eu pertencço a um lugar, eu tenho uma história, eu tenho uma infância [...] (Hatoum, 2017).

Em outras palavras, o escritor discorre que o espaço em suas narrativas não tem está ligado à questão de pátria, mas a um sentimento de pertencer ao em que cidade que nasceu, assim como também escreve sobre o Líbano e libaneses por ser destes.

4.1.2 O romance *Dois irmãos* – resumo e características

Composta por doze capítulos, é uma das obras mais estudadas de Hatoum, seu êxito conduziu o autor ao prêmio Jabuti e também a sua adaptação para TV e para os quadrinhos.

O romance narra a história dos gêmeos Yaqub e Omar, filhos de Zana e Halim e irmãos de Rânia, além da história de Domingas, a empregada da casa, e Nael, seu filho. Sua temática envolve principalmente as desavenças entre os gêmeos, porém dá lugar também a relato sobre o passado da família e de cada um dos personagens.

Os conflitos entre os filhos gêmeos têm início muito cedo, Omar se destacava como o mais ardeiro e brigão e Yaqub, sempre acanhado, tinha medo de brigar com o irmão. Na fase da adolescência, apaixonaram-se por uma de suas vizinhas, a Lívia, fato que acirrou o conflito entre os dois, de modo que, certo dia, Omar não se conteve e atingiu o irmão:

Uma pane no gerador apagou as imagens, alguém abriu uma janela e a plateia viu os lábios de Lívia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa e rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Lívia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub. (Hatoum, 2006, p.22)

A resultou em uma cicatriz que ficaria gravada no rosto de Yaqub pelo resto da vida. Desde então, os irmãos começaram a se odiar, levando o pai a decidir-se por mandá-los para o Líbano, no entanto, Zana, que sempre protegera o “caçula”, modo como chamava a Omar, não o deixou ir, logo Yaqub fora sozinho, “passara cinco dos seus dezoito anos no sul do Líbano” (Hatoum, 2006, p.11).

Após esse período, Yaqub retornou para Manaus. Ficou mais retraído ainda, pela dificuldade para se comunicar, devido à falta de prática da língua portuguesa, entretanto, isso não o impediu de focar nos estudos. Apesar do tempo passado no Líbano, Yaqub nunca esqueceu o que Omar fizera, e depois de alguns anos dedicando-se aos estudos, resolveu mudar-se para São Paulo para estudar mais e também trabalhar para conseguir um futuro melhor. Já Omar, continuou em Manaus vivendo miseravelmente e gastando o pouco dinheiro que a família tinha.

Nesse meio tempo, os pais resolveram mandar Omar para São Paulo para buscar melhores condições de vida, no entanto o caçula fazendo o contrário do que os pais desejavam, roubou o dinheiro do irmão e gastou com viagens, o que aumentou o ódio de

Yaqub pelo irmão. Depois disso, as poucas visitas de Yaqub à Manaus resultaram sempre em discussões e agressões, mesmo com as tentativas de Zana para unir os filhos.

Muitas reviravoltas aconteceram até que Yaqub arquitetou um plano de vingança para que Omar fosse preso. No fim, Yaqub permaneceu em São Paulo, tendo em vista que a essa altura seus pais e Domingas já haviam morrido, parando ainda de mandar notícias para sua irmã Rânia. Por sua vez, Omar, após sair da cadeia, passou a perambular pela cidade sem rumo.

— Alguns aspectos da estilística de Milton Hatoum em *Dois irmãos*

A obra *Dois irmãos* é uma narrativa intensa e instigante devido, em parte, à personalidade de seus personagens e a características como o resgate memorialístico, a referência a aspectos contextuais, o engajamento, além de outras que a seguir.

O resgate memorialístico é uma característica presente em grande parte da obra, nos relatos narrados por Nael, nas histórias que Domingas e Halim lhe contavam, como por exemplo, no trecho: “Aconteceu um ano antes da Segunda Guerra, quando os gêmeos completaram treze anos de idade. Halim queria mandar os dois para o sul do Líbano” (Hatoum, 2006, p.12). Trata-se de um relato contado por Domingas sobre a decisão de Halim em mandar os filhos para o Líbano, e que é reproduzido pela narração de Nael.

Como exemplo dos aspectos contextuais, pode-se citar a representação da ditadura militar, com a situação do personagem Antenor Laval, o professor de Omar, na escola Antenor “ria dos políticos da província, espicaçava-os durante os intervalos [...]” (Hatoum, 2006, p.143). Esse professor, “humilhado no centro da praça das Acácias, esbofeteado como se fosse um cão vadio à mercê da sanha de uma gangue feroz” (Hatoum, 2006, p.142), mais tarde será morto pela oposição ao regime.

Essa característica associa-se também ao engajamento da obra, que expõe a visão autoral sobre o regime militar, perceptível também na visão de Halim: “O pai reclamava que a cidade estava inundada, que havia correria e confusão no centro, que a Cidade Flutuante estava cercada por militares” (Hatoum, 2006, p.147).

Além dos aspectos histórico e político mencionados anteriormente, o livro também retrata aspectos sociais, apresentando um pouco da realidade do cotidiano familiar, como as brigas, as predileções por um dos filhos e a violência sexual, observada no trecho: “Uma noite ele entrou no meu quarto, fazendo aquela algazarra, bêbado, abrutalhado... Ele me agarrou com força de homem. Nunca me pediu perdão” (Hatoum, 2006, p.180).

Na perspectiva dos elementos autobiográficos, além do já mencionado sobre a identificação do autor com Omar, o romance aponta para outras particularidades da vida do escritor, como por exemplo, a imigração dos libaneses, pois a família de Milton Hatoum “é, predominantemente, de origem libanesa” (Stella, 2021, p.268), a cidade de Manaus, onde seu pai se casou e construiu família etc.

Aliando-se a isso, outra característica da obra é o aproveitamento de aspectos regionais, na construção de um regionalismo mais universal, na referência à vida e cultura dos imigrantes libaneses em Manaus, como afirma Pellegrini (2004, p.124), “lá se estabeleceram no início do século, tentando reconstituir ou ampliar a riqueza trazida de longe”. Outra exemplificação é a introdução de aspectos associados ao indígena, centralizados na personagem Domingas.

Por fim, é possível observar também a intertextualidade diversificada presente abundantemente na obra, sobretudo quando se tem conhecimento das histórias bíblicas, principalmente no paralelismo que estabelece com as narrativas de Esaú e Jacó e de Caim e Abel, que serão retomadas adiante neste trabalho.

5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS ROMANCES *ESAÚ E JACÓ* E *DOIS IRMÃOS*

Neste capítulo serão tratados especificamente os aspectos centrais que estabelecem relação entre as obras *Esaú e Jacó* e *Dois irmãos*. Para isso assim, será realizada a análise de alguns aspectos estruturais das narrativas e ainda uma análise temática, por meio da qual ocorrerá um aprofundamento a respeito da intertextualidade bíblica presente nas duas obras.

5.1 Relações interdisciplinares – a literatura, a Bíblia e a mitologia

Antes de empreender essa análise, serão realizadas algumas considerações acerca dos gêmeos na mitologia, visando situar a imagem dos gêmeos antagônicas numa tradição mitológica recorrente em várias sociedades, assim como na literatura.

5.1.1 A história bíblica de Esaú e Jacó – um arquétipo recorrente

A história bíblica de Esaú e Jacó, filhos gêmeos de Isaque e Rebeca e netos de Abraão está presente no livro de Gênesis e faz parte do Antigo testamento. A Bíblia diz que antes de nascerem, os gêmeos lutaram no ventre de Rebeca, a qual desejava saber o motivo, então perguntou para Deus, e recebeu respostas, Deus lhe disse que haviam duas nações dentro dela. No momento do nascimento, Esaú foi o primeiro a nascer, e logo depois Jacó.

Quando já crescidos, sucederam alguns conflitos, tendo como exemplo, o dia que Esaú vendeu a sua primogenitura para o irmão por conta de comida, visto que estava quase morrendo de fome e Jacó não lhe daria a comida se não recebesse a primogenitura, já em outro momento Jacó enganou Isaque fingindo ser Esaú para receber a sua benção, uma farsa incentivada por Rebeca.

Então, disse Rebeca a Jacó, seu filho: Ouvi teu pai falar com Esaú, teu irmão, assim: Traze caça, e faze-me uma comida saborosa, para que eu coma e te abençoe diante do SENHOR, antes que eu morra. Agora, pois, meu filho, atende as minhas palavras com que te ordeno. Vai ao rebanho e traze-me dois bons cabritos; deles farei um saborosa comida para teu pai, como ele aprecia; Levá-la-ás a teu pai, para que a coma e te abençoe, antes que morra (Bíblia sagrada, 1988 p.20).

Jacó não queria fazer o que a mãe lhe disse, mas Rebeca conseguiu convencê-lo. Essa atitude fez com que Esaú ficasse com raiva de seu irmão e desejasse matá-lo, para que não fosse morto, Jacó resolveu ir embora, a mando dos pais foi para Harã, ficar na casa do irmão de Rebeca, Labão.

Antes de chegar ao seu destino, avistou a Raquel, filha de Labão, por quem logo se apaixonou, aceitando trabalhar para ele por sete anos, no intuito de casar-se com ela. Porém, nas núpcias, Labão lhe entrega sua outra filha, Lia, afirmando-lhe que lhe daria Raquel por mais sete anos de servidão, e assim Jacó fez.

Os anos de trabalho se passaram e Jacó faz novo acordo de trabalho com Labão e enriquece cuidando das ovelhas que lhe foram dadas como pagamento durante os muitos anos de serviços, e com mais outras criações de animais. Durante esse tempo, Esaú casou-se com Maalate, Ada, Oolibama e Basemate, teve muitos filhos e assim como Jacó também enriqueceu.

Deus ordenou a Jacó que voltasse para a terra onde nasceu, dessa forma Jacó fez, e no caminho encontrou Esaú, os dois choraram e se reconciliaram. Os irmãos se separaram e cada um seguiu seu caminho para cuidar das suas terras, Jacó ficou em Canaã, e Esaú partiu para outra terra, mas permaneceram em paz um com o outro.

5.1.2 O arquétipo dos irmãos antagônicos nas sociedades e na literatura – O Mito do Duplo

Sabe-se que a mitologia é presente na sociedade, assim como as recorrências literárias do arquétipo dos gêmeos, tendo em vista que há muito tempo escritores vem utilizando a figura de gêmeos, geralmente antagônicos, para escrever suas obras.

— Recorrências arquetípicas as sociedades – o mito do duplo

O mito sempre fez parte das sociedades, estando associado a uma história original, como explica o mitólogo Mircea Eliade (2019):

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”... narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento (Eliade, 2019, p.11).

Acima, o estudioso romeno concebe que o mito está relacionado a acontecimentos originais, conta como algo passou a existir no mundo. Dessa forma, a mitologia está presente

em diversas culturas, existindo mitos sobre diversas temáticas: a origem da terra, dos astros, do homem etc. Desse modo, a figura dos irmãos antagônicos é reconhecida como uma manifestação do *Mito do duplo*, que aparece de formas diversas, não somente na mitologia bíblica, mas em outras mitologias:

Ao longo dos séculos e nas mais diversas culturas, é possível encontrar diferentes interpretações par ao mito do duplo. Das narrativas relacionadas à criação do mundo e do homem, dos gêmeos descritos pelos relatos míticos ao duplo do século XXI, significativas são as mudanças na sua concepção como forma de atender às demandas e inquietações do ser humano (Rodrigues et al,2020, p.10).

Sua ocorrência pode ser referida, por exemplo, nas culturas romana e grega. Em Roma existe a história dos gêmeos Rômulo e Remo que deram origem à cidade de Roma. Acredita-se que o nascimento dos dois foi premeditado com o propósito de que Roma fosse criada. A estudiosa Regina Bustamante (2001) destaca entre outras uma versão em que Os recém nascidos foram expostos no rio Tibre a mando do tio-avô, Amúlio, usurpador do trono de Alba Longa, que procurava assim evitar que os descendentes da sua sobrinha viessem a reivindicar o que lhes era de direito (Bustamante, 2001, p.91).

O que chama mais atenção nesse mito são as tensões e desafios pelos quais os gêmeos passaram, como a autora descreve a seguir:

Foram salvos graças a uma loba que os amamentou. Encontrados posteriormente por um pastor, Fáustulo, foram criados no meio pastoril até que destronaram o usurpador, reconduziram o avô, Numitor, ao trono e foram fundar uma nova cidade na região onde tinham sido expostos quando bebês. Mas o local exato ainda não estava determinado e foi para conhecê-lo que os gêmeos decidiram consultar os augúrios (Bustamante, 2001, p.91).

Esses augúrios eram previsões de épocas passadas realizadas com as aves, para se saber do futuro. Bustamante (2001) diz ainda que, em decorrência dos augúrios, os irmãos entraram numa disputa da qual Rômulo, que avistou mais aves, foi o vencedor, e então começou sua construção da cidade, mas Remo, não satisfeito, debochou da construção, provocando a ira de Rômulo, que o matou.

Pode-se mencionar ainda o mito grego dos gêmeos Castor e Apollux, que teriam dado origem à constelação de Gêmeos, e que, inclusive citado em *Esau e Jacó*. Também na mitologia indígena brasileira há o exemplo dos gêmeos Kwat e Yaí, que representam um dos mitos do surgimento do sol e da lua, nos “mitos indígenas brasileiros, freqüentemente é uma dupla de irmãos (os Gêmeos, que se transformam a seguir em Sol e Lua) que se revezam, um consertando o que o outro cria em exagero [...]” (Carvalho, 1997, p.58).

Sua manifestação, como mencionado, assume formas diversas:

A história registrada no livro do *Gênesis*, que é um dos livros mais importantes em termos de mitos, pois nele encontramos a história da criação do homem, e, em seguida, vemos a duplicação desse homem, na criação do homem, e em seguida, vemos a duplicação desse homem na criação da mulher (Silva, 2015, p.54).

Nessa ótica, a narrativa de Caim e Abel, que conta a história da origem do homicídio praticado no mundo, representa de igual modo, também uma recorrência do Mito do Duplo com origem na tradição judaica. Para Mello (*apud* Silva, 2015, p.54), “toda a antítese, toda a cisão, toda a fusão, todo o fenômeno espetacular inscrevem-se no duplo, o qual está na origem de tudo”. Desse modo, o antagonismo que leva Caim a odiar seu irmão representa a duplicidade inerente ao Mito do Duplo, cuja culminância aqui será a eliminação de seu oposto: “Disse Caim a Abel, seu irmão: Vamos ao campo. Estando eles no campo, sucedeu que se levantou Caim contra Abel, seu irmão, e o matou” (Bíblia Sagrada, 1988, p.5).

Essas são apenas algumas menções que exemplificam a existência de inúmeros mitos referentes a gêmeos, fazendo parte de diferentes culturas e diferentes contextos, cada um com sua significação e importância.

— Recorrências arquetípicas na literatura

A mitologia exerce também forte influência na literatura, por meio do mito muitos escritores se basearam para a escrita de seus livros. De acordo com Northrop Frye (2014),

em um mito podemos ter um deus-sol ou um deus-árvore; em um romance, podemos ter uma pessoa que está significativamente associada com o sol ou com as árvores. Em modos mais realísticos, a associação torna-se menos significativa e mais uma questão de imagens incidentais, mesmo coincidentes ou acidentais (Frye, 2014, p. 264).

Para o estudioso, o mito na literatura sofre um “deslocamento”, pois terá significação menos profunda do que o mito em si, podendo assumir diferentes formas, podendo ser associado de forma muito expressiva numa obra e em outra de forma menos expressiva. Dessa forma, além das obras literárias brasileiras *Esau e Jacó* e *Dois irmãos*, existem outras obras que também recorrem ao arquétipo dos gêmeos, como o Romance *Pedro e Paula* (1998), de Helder Macedo, que, assim como os romances mencionados acima, trata de gêmeos antagônicos, mas o arquétipo ou padrão desses irmãos sofre uma variação ou deslocamento, pois passa a se tratar de um casal de gêmeos formado por uma mulher e um homem. De acordo com Ana Margarida Fonseca (2015),

trata-se de uma relação fraternal problemática, ensombrada por divergências que se acentuam à medida que a idade avança. A incomunicabilidade progride até ao ponto em que uma brutal agressão – a violação que Pedro exerce sobre Paula – os separa irreversivelmente (Fonseca, 2015, p.133-134).

Outra obra é *O duplo*, de Dostoiévski, que narra sobre o personagem principal Goliádkin, sua vida e especificamente seus comportamentos. Esse personagem em determinado momento na obra encontra o seu duplo, um homem que é idêntico a ele fisicamente, e que teve também até ali, no momento da conversa, uma vida igual a dele, mas com o passar do tempo se torna o oposto de Goliádkin, e transforma-se em alguém que este gostaria de ser.

Outros exemplos que remetem a histórias de gêmeos são: as peças literárias de Plauto, chamada *Os Menecmos*, e a de Shakespeare, *A Comédia dos Erros*. A novela televisiva *Mulheres de Areia*, a qual apresenta uma trama sobre um casal de gêmeas, a Ruth e Raquel, criada pela autora Ivani Ribeiro. E o romance *Maíra* (1976), o qual retoma o mito indígena dos gêmeos Kwat e Yaí (sol e lua).

Para concluir, a presença do arquétipo dos irmãos antagônicos é recorrente na literatura, em romances, assim como em peças e novelas os gêmeos associam-se, frequentemente com a figura do bem e do mal, um gêmeo representa o bem e o outro o mal.

5.2 Os escritores de *Esau e Jacó* e *Dois irmãos* e suas influências

Existem muitas diferenças entre os escritores Machado de Assis e Milton Hatoum, como por exemplo, a época, enquanto Machado de Assis vivenciou acontecimentos do século XIX, Milton Hatoum vivenciou o século XX e vivencia o século XXI, o que faz com que a visão de mundo, métodos e temáticas para criação das obras sejam diferentes.

Como já mencionado nesse trabalho, acredita-se que todas as obras surgem de influências de outras obras, e não seria diferente com os dois escritores que estão sendo estudados. De acordo com Pereira (1936), o inglês William Shakespeare é uma das influências de Machado de Assis, contendo citações de Shakespeare nas suas obras, como por exemplo, a obra *Dom casmurro*. A escritora aponta também o brasileiro romancista José de Alencar como um escritor que influenciou Machado durante sua fase romântica, principalmente em *Americanas* (1875), um livro de poesias. E como influência em *Esau e Jacó* pode-se citar o escritor realista Gustave Flaubert, que segundo Schwarz (2000), ocorre uma aproximação da construção literária de Machado de Assis com a deste escritor, em específico a presença da crítica e desprezo a sociedade burguesa. Outra influência nessa obra

é a bíblica, pois ocorre a intertextualidade com os textos bíblicos, principalmente a narrativa bíblica de Esaú e Jacó.

O escritor realista abordava sobre temas relacionados à sociedade burguesa e seus costumes, incorporando-os com humor e ironia a sua obra, a exemplo do cenário político da época, especificamente em *Esaú e Jacó*, tem-se a passagem do Império para a República, a qual foi um contexto retratado na obra como um período de grandes mudanças na sociedade. Outro acontecimento histórico citado na obra é a respeito da abdicação de Dom Pedro I, ocorrido em 7 de abril de 1831, um acontecimento importante para a história do Brasil.

Milton Hatoum, por sua vez, também aproveita-se de vários fatos de cunho sociopolítico e cultural de sua época na constituição de *Dois irmãos*, retratados realisticamente ou apenas aludidos, de forma crítica. Entre esses pode-se apontar evocações da situação vivenciada no período do regime militar no Brasil, questões associadas à imigração e de cunho regional, como o hibridismo cultural. Tais influências contextuais adquirem maior relevância quando percebidas também como experiências autobiográficas do autor, conforme já se assinalou antes neste trabalho - “não consigo desvincular aquilo que eu escrevo, da minha vida” (Hatoum, 2017) - as quais se transformam em matéria indispensável na constituição de sua obra que tematiza ainda problemas familiares, hibridismo cultural, entre outros.

Além dessas, pode-se apontar a obra machadiana como uma importante influência para o escritor amazonense. Como já falado algumas vezes neste trabalho, Machado de Assis escreveu obras que fizeram sucesso no meio literário e serviram de inspiração para muitos escritores, inclusive para o Milton Hatoum:

Eu lia livros que minha mãe me dava, mas um deles foi fundamental, porque... eu tinha sei lá, uns treze anos por aí, ela comprou as obras completas de Machado de Assis, uma edição, se não me engano, de 57, 1957, que tenho guardada até hoje. Eu me interessei pelos contos (Hatoum, 2014).

Em específico, pode-se notar ainda aproximações em suas técnicas de escrita, como por exemplo, nas dúvidas e segredos presentes nas obras. Machado costuma deixar dúvidas e reticências para os leitores e em *Esaú e Jacó* isso ocorre a respeito de um provável caso entre Santos e Perpétua, irmã de Natividade, tendo em vista que Santos “demonstrou o desejo de abraçar e beijar a cunhada, mas foi interrompido por ela com recuo e força, o que nos deixa intrigados com a cena, causando dúvidas sobre a existência de um romance entre eles [...]” (Tokashiki, 2014, p.58). Hatoum também deixa grande dúvida em *Dois irmãos*, sobre quem é o pai de Nael. Também sabe-se que desde muito cedo Machado foi inspiração

para Milton Hatoum, como este já afirmou sobre o romance *Esaú e Jacó*, obra que o ajudou na criação de seu livro: “Foi uma das minhas fontes para escrever *Dois irmãos*” (Hatoum, 2019).

As narrativas apresentam semelhanças devido a ambas abordarem sobre gêmeos que vivem em conflitos e que fazem papéis de antagonistas uns dos outros, de mães que sofrem pelo motivo dos filhos não serem unidos, e também da relação com histórias bíblicas. A respeito da mitologia bíblica, em *Esaú e Jacó* é explícito que se faz referência a nomes bíblicos, e ao decorrer da leitura também se compreende-se essa referência, e como *Dois irmãos* é uma narrativa semelhante a que foi falada anteriormente, logo também possuirá essa referência. Mas além da mitologia bíblica, existe a relação dessas duas obras com outras mitologias que será abordado mais em frente.

5.3 *Esaú e Jacó e Dois irmãos* – alguns aspectos estruturais dos romances

Esta abordagem tratará de identificar alguns componentes estruturais das narrativas nos livros *Esaú e Jacó* e *Dois irmãos* e compará-los, privilegiando seus narradores, os personagens gêmeos, as figuras das mães, e outros. As obras *Esaú e Jacó* e *Dois irmãos*, apesar de suas semelhanças, foram escritas em anos bem distantes, retomando contextos históricos diferentes. A obra de Machado relata acontecimentos que mostram a passagem do Império para a República (1889), retratando conflitos da sociedade burguesa na cidade do Rio de Janeiro.

Já *Dois irmãos* aborda um contexto mais recente, como a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) e a ditadura Militar (1964 - 1985). O escritor amazonense desenvolve a história em torno da cidade de Manaus, abordando a questão da imigração, dos conflitos familiares, de culturas, como a amazonense, mencionando os locais e como viviam o povo da cidade de Manaus, incluindo os imigrantes libaneses que habitavam a região.

5.3.1 As narrativas e seus narradores

Os dois livros possuem narrativas não lineares, por haver durante a narrativa algumas interrupções durante as histórias usadas para lembrar de algo importante, contar história de algum personagem, como por exemplo, quando o narrador de *Dois irmãos* relata a vida de Zana antes e depois do seu casamento, ou de Domingas, para que o leitor possa entender quem são as personagens e suas características.

Ou também para servir de explicação ou antecipação de algum assunto para a continuação do enredo, exemplo disso é em *Esau e Jacó* em vários capítulos o narrador realiza essa ação, podendo ser observado no capítulo XXIX: “A pessoa mais moça não entra já neste capítulo por uma razão valiosa, que é conveniência de apresentar primeiro os pais” (Assis, 2012, p.34), nesse trecho narrador explica que antes de falar de Flora, vai discorrer a respeito dos pais da personagem. E nesse mesmo trecho além de explicar os motivos acima, acontece uma antecipação ao surgimento de Flora na obra, o narrador declara que em algum momento irá falar sobre Flora, pois até então ainda não havia mencionado a respeito dela.

Em *Dois irmãos* a narrativa é psicológica e introspectiva, por tratar profundamente dos sentimentos dos personagens, Nael relata exatamente o que lhe contaram, e com a mesma emoção. Ao passo que em *Esau e Jacó*, a narrativa psicológica não é tão introspectiva, é uma narrativa mais superficial, pois não aprofunda nos sentimentos de cada personagem, “não passam aquelas correntes de angustia, não ecôam aquelas interrogações sem fim que animam o ambiente dos outros romances. Tudo está apaziguado, domesticado” (Pereira, 1936, p.280-281), essa narrativa diferencia-se das narrativas anteriores de Machado.

Tanto Conselheiro Aires quanto Nael são narradores-personagens, os dois possuem proximidade com os demais personagens. Nael em muitos momentos presencia as cenas que descreve e os acontecimentos que não presencia são contados para ele por Domingas e Halim, ao passo que Aires diferentemente de Nael, sabe de tudo e conhece todos muito bem.

Aires era de confiança, uma pessoa com quem todos conversavam e iam pedir opinião sobre determinados assuntos, seu papel é “de narrar, de observar e de intervir na narrativa” (Tokashiki, 2014, p.97), ao contrário de Nael, só visto em momentos que precisavam de seu trabalho, na condição de filho da empregada e também empregado da família. No entanto, ambos possuem papéis fundamentais para o enredo da narrativa.

O Conselheiro Aires é bastante inteligente e esperto, ficava do lado dos dois gêmeos não declarava lado de preferência. Ele sempre tinha algo para falar e ajudar as pessoas, e sabia dos sentimentos de cada personagem, além disso, surgia narrando em primeira pessoa para esclarecer ou até mesmo deixar dúvidas sobre algo.

Já Nael, é um narrador cheio de sentimentos, como o amor, pela mãe e por Rânia, e também a raiva de Omar por ter violentado sua mãe. Carrega consigo o seu maior desejo que é saber quem seu pai é, preferia que fosse Yaquib do que Omar, e junto desse desejo vem a dúvida e tristeza por não saber quem é seu pai.

Sobre a questão do narrador nas obras existem algumas dificuldades de identificação, pois ocorre ambiguidade, a mesma

enquanto força estruturante, constitui o romance tanto em sua forma, como na construção do foco narrativo que transita constantemente entre narrador em terceira e primeira pessoa, tornando-o intensivamente móvel, descolando-se constantemente de um relato para uma confissão (Rosa, 2020, p.164)

A ambiguidade possui presença mais forte em *Esau e Jacó*, pois há bastante discussão sobre o narrador da obra, se é o Conselheiro Aires, ou não, ou se existe mais de um narrador, devido a história ser narrada em terceira pessoa e conter trechos em primeira pessoa, Tokashiki (2022), declara:

A ambiguidade do narrador é muito acentuada no romance a partir das seguintes características: primeiro, ele é um narrador protagonista que conta histórias vividas por ele; segundo, um narrador onisciente para contar histórias de terceiros, as quais ele se mostra conhecedor; e, por último, ele não se identifica, causando dúvidas se a narração é feita por ele ou pela personagem, como um fluxo de consciência na narrativa (Tokashiki, 2014, p.98).

Acredita-se que Aires não é o narrador, e apenas um personagem o qual só faz parte da história e não narra, no entanto, o Conselheiro Aires é um narrador onisciente e também personagem, pois sabe dos sentimentos das pessoas e convive com elas, e a prova disso está na “Advertência”, onde declara que: “Era uma narrativa; e, posto figure aqui o próprio Aires, com seu nome e título de conselho [...]” (Assis, 2012, p.3), fazendo assim uma afirmação de que o Conselheiro Aires foi quem escreveu o livro, portanto, é o narrador do livro.

Ainda voltado para esse assunto, ocorre certa dificuldade em saber quem é o narrador, também em *Dois irmãos*, ao decorrer do livro é difícil identificar quem é o narrador, pois não é claro no início, a narrativa é em primeira pessoa e logo traz a dúvida de qual personagem está narrando, mas logo descobre-se que é Nael.

5.3.2 Alguns personagens relevantes nos romances

Machado de Assis aborda em *Esau e Jacó* a classe burguesa, família estruturada e financeiramente bem, já Milton Hatoum na obra *Dois irmãos* descreve sobre uma família pobre, que vive do dinheiro de um comércio em uma cidade pequena, e que para ter melhores condições de vida a pessoa precisa sair da cidade em que nasceu.

— A figura materna e a mulher amada

Algo que chama bastante atenção nos livros é como as mulheres são vistas, em *Esau e Jacó* a mulher é retratada como a dona do lar, mulher recatada, extremamente apaixonada, uma confirmação disso é a personagem Flora, “quem conhecesse por esses dias, poderia compará-la a um vaso quebradiço ou à flor de uma só manhã, e teria matéria para uma doce elegia” (Assis, 2012, p.36), assim, ela é descrita como uma personagem frágil. E também Natividade, “uma personagem que prega os conceitos morais religiosos e vive em função do amor e sucesso dos filhos” (Tokashiki, 2014, p.36).

Em *Dois irmãos*, o papel da mulher difere, Zana antes de casar ajudava o pai no trabalho e só depois transformou-se em uma mulher que vive em função da casa e dos filhos, embora com personalidade forte, mandava em tudo, até o marido, “era possuída por uma teimosia silenciosa, matutada, uma insistência em fogo brando; depois, armada por uma convicção poderosa, golpeava ferinamente e decidia tudo [...]” (Assis, 2012, p.40).

As mães Zana de *Dois irmãos* e Natividade de *Esau e Jacó* configuram papéis fundamentais para as narrativas, contrariamente aos papéis pouco significantes dos pais, Halim e Santos. A importância de Halim em *Dois irmãos* é que através dele que o narrador consegue contar muitos fatos ocorridos na vida da família. E a importância de Santos deve-se a uma das críticas sociais presentes na obra, visto que é um homem da alta sociedade, que se preocupa apenas com sua vida e seu cargo, em outras palavras, o Brasil estava passando por mudanças governamentais, e Santos se preocupando somente com sua possível instabilidade financeira.

Nas duas obras as mães desejavam algo, tinham uma vontade maior que todas as outras, a qual era ver seus filhos sendo amigos e companheiros. Natividade, a mãe de Pedro e Paulo fazia de tudo para ver os filhos unidos, pedia até mesmo conselhos à Aires e desabafava com ele: “- Sabe que os meus dois gêmeos não combinam em nada, ou só em pouco, por mais esforços que eu tenha feito para trazer a certa harmonia” (Assis, 2012, p.44), queria de todas as formas juntar os dois.

Zana, a mãe de Yaquib e Omar, diferente de Natividade, tinha preferência por um dos filhos, mas igualmente a mãe de Pedro e Paulo, também sentia vontade de ver os filhos amigos, trabalhando juntos, em parceria: “O grande sonho era ver os filhos reconciliados” (Hatoum, 2006, p.170), desejava e sentia que a amizade entre os filhos poderia acontecer. No entanto, Natividade e Zana morreram e os filhos não realizaram o desejo de suas mães.

— Os gêmeos de Machado e os gêmeos de Hatoum

Vale ressaltar, como já assinalado, que os dois livros trazem relatos sobre gêmeos idênticos. Na obra de Machado: “A semelhança, sem os confundir já, continuava a ser grande. Os mesmos olhos claros e atentos, a mesma boca cheia de graça, as mãos finas, e uma cor viva nas faces que fazia crer pintadas de sangue” (Assis, 2012, p.23), e na obra de Hatoum também se evidencia o quanto são parecidos: “Tinham o mesmo rosto anguloso, os mesmos olhos castanhos e graúdos, o mesmo cabelo ondulado e preto, a mesmíssima altura” (Hatoum, 2006, p.13), a única diferença entre os dois será a cicatriz no rosto de Yaqub depois da violência sofrida pelo irmão. Mesmo os quatro possuindo as mesmas características físicas, não mantinham boas relações nem opiniões parecidas.

Apesar de serem livros com temas parecidos, os gêmeos representados nas narrativas têm diferenças significativas. Pedro e Paulo discutem e se agridem fisicamente quando crianças, mas na fase adulta vivem uma rivalidade sem agressões, apenas não querendo conviver um com o outro. Apesar de em um certo momento ter havido uma esperança de reconciliação, no final isso não ocorre. Já Omar e Yaqub não se suportam, existindo entre eles um ódio avassalador que, se em algum momento aparenta-se apaziguado, no íntimo dos gêmeos sobrevive e manifesta-se violentamente a cada novo incidente, premeditado ou não, entre eles, tornando nula sua possibilidade de reconciliação.

Como já se observou até aqui, os conflitos entre os gêmeos são constantes, porém percebe-se que os interesses e os motivos de intriga nos dois livros são diferentes. Os irmãos Pedro e Paulo desde antes do nascimento já não se suportavam, buscavam sempre sobressair diante do outro, já Yaqub e Omar, começaram a se odiar depois que Omar machucou seu irmão.

Vale destacar que as personalidades dos gêmeos nas duas obras apresentam pontos de convergência, Machado de Assis (2012) destaca Paulo como o filho mais agressivo e Pedro como dissimulado, dessa maneira pode-se associar o comportamento de Paulo com o de Omar, pois em *Dois irmãos* este gêmeo é realmente muito agressivo desde a infância. Por sua vez, pode-se também associar Pedro a Yaqub, devido às formas de agir, sendo dissimulados por esconderem em alguns momentos, ou em todos, como é o caso de Yaqub, seus sentimentos e suas intenções para se sobressaírem ou se vingarem dos irmãos.

Em *Esau e Jacó*, o mistério da briga dos irmãos iniciada ainda dentro do ventre de Natividade, chama a atenção, podendo ser observado no seguinte trecho:

E não foi sem grande espanto que lhe ouviu perguntar se os meninos tinham brigado antes de nascer. – Brigado? – Brigado, sim, senhora. Antes de nascer? – Sim, senhora, pergunto se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra? Natividade, que não tivera a gestação sossegada, respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias [...] (Assis, 2012, p.5-6).

Sugere-se, portanto, que antes de nascer já haveria conflito entre os irmãos, que, na fase da adolescência e adulta, ganharia motivações mais definidas. Assim, o principal motivo se tornou a política, destacado no capítulo XXXVIII, em que Natividade “[...] contou primeiro a rivalidade dos filhos, já manifesta em política” (Assis, 2012, p.43), para Aires. Logo após a política, segue-se o motivo da paixão por Flora: “Não era tanta a política que os fizesse esquecer Flora, nem tanta Flora que os fizesse esquecer a política” (Assis, 2012, p.40), essas paixões em comum não seriam deixadas de lado, nem a política e muito menos Flora, pois

a verdade é que, se nenhum consentia em deixar a moça, também nenhum contava obtê-la, por mais que achassem inclinada. Tinham já combinado que o rejeitado aceitaria a sorte, e deixaria o campo ao vencedor (Assis, 2012, p.98).

Em *Dois irmãos*, com Yaqub e Omar, embora não desde a gestação da mãe, o conflito também começou cedo, tendo ocorrido um motivo grave que deu origem ao ódio entre eles: “[...] a plateia viu os lábios de Livia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula” (Hatoum, 2006, p.22). Omar não se conteve de ciúmes e raiva por ver seu irmão com a moça pela qual era apaixonado e acabou machucando o irmão, esse acontecimento marcaria o início de um ódio perpétuo.

— A não conciliação como desfecho

Outra aproximação estrutural entre as narrativas de Machado de Assis e Milton Hatoum reside em seus desfechos. Na obra *Esaú e Jacó*: “Aires sabia que não era a herança, mas não quis repetir que eles eram os mesmos, desde o útero” (Assis, 2012, p.128), pode-se observar que o Conselheiro aponta para uma não conciliação dos filhos de Natividade, ao falar que “eles eram os mesmos desde o útero”, levantando a sugestão de que a briga iniciada ainda no ventre da mãe, vivenciada no presente dos gêmeos sob a forma de inimizade entre os dois, perduraria indefinidamente.

Na obra *Dois irmãos* também se manifesta forte tensão entre os irmãos que se intensifica gradualmente para um desejo de vingança e o ódio, após a cicatriz deixada em

Yaqub por Omar. O constante desejo de vingança alcança um nível ainda mais elevado quando

Omar foi condenado a dois anos e sete meses de reclusão. Não podia sair, não teve direito à liberdade condicional. “Só osso e pelanca... Meu irmão não parece humano”, contou Rânia, chorando. Ela me disse, alterada, que ia escrever uma carta a Yaqub. “Ele traiu minha mãe, calculou tudo e nos enganou” (Hatoum, 2006, p.194).

Desse modo, percebe-se que Yaqub planejara por muito tempo sua vingança, arquitetando tudo sempre silêncio, sem se preocupar com ninguém. Nesta narrativa também a inimizade perdurará, além do afastamento físico entre os irmãos, já que, mesmo depois que Omar saiu da cadeia, continuou em uma vida miserável e sem o perdão do irmão, até porque o perdão nunca foi pedido.

5.4 Aspectos temáticos e suas intertextualidades

5.4.1 Intertextualidades dos romances com o arquétipo bíblico

Ao longo das leituras das obras pode-se identificar algumas relações intertextuais das obras em estudo com outros textos, sobretudo com a fonte bíblica no que diz respeito à história dos filhos de Isaque e Rebeca, que, por sua vez, manifesta-se como uma recorrência arquetípica do mito do duplo. Este mito repetido mundialmente em várias sociedades tem a sua forma de manifestação mais antiga na Bíblia na história dos irmãos Caim e Abel, que apresenta a origem do primeiro homicídio na humanidade.

Como já observado, os mitos são retomados constantemente na literatura e, de acordo com Frye (2014), apresentam-se de forma “deslocada” no texto literário, por meio de imagens associadas a ele sem maiores dificuldades, ou ainda incidentais e implícitas. Assim, neste tópico, serão apontadas algumas intertextualidades com a fonte bíblica, entendidas, em última instância, como deslocamentos do mito em sua apropriação literária.

Começando pelos títulos das obras, Machado de Assis escreve *Esaú e Jacó* enquanto Milton Hatoum narra *Dois Irmãos* pode-se perceber a semelhança pelo fato de está se tratando de duas pessoas que são irmãos na primeira obra temos como personagens principais Pedro e Paulo na segunda Yaqub e Omar nesse sentido pode-se reportar a Bíblia Sagrada a qual encontramos a história de Esaú e Jacó que foram também irmãos gêmeos (Junior e Cruz, 2014, p.49).

Como foi mencionado o livro *Esaú e Jacó* de Machado tem relação com a Bíblia começando pelo título, que remete a história bíblica, e *Dois irmãos* por logo de início destacar

que abordará a respeito de dois irmãos. No entanto, a associação entre as três histórias só pode ser feita após a leitura de ambas, e assim notar que existem mais outras semelhanças, as quais serão abordadas logo em seguida.

Recorrências arquetípicas no romance *Esaú e Jacó*

— Personalidade e caráter

Mesmo que Esaú e Jacó não sejam exatamente como Pedro e Paulo, pode-se relacionar Pedro e Jacó por serem mais dissimulados. Pedro quando criança gostava de mentir e na fase adulta, apesar de tantos conflitos por causa da política e oposição às ideais do irmão, acabou aceitando o regime republicano, embora por ter no regime. Semelhantemente, Jacó, por sua vez, aceitou fingir ser o irmão para que fosse abençoado no lugar dele.

Paulo e Esaú podem ser associados pela agressividade, pois o narrador de *Esaú e Jacó* declara que “Paulo era mais agressivo” (Assis, 2012, p.24), característica observada também na fala de Pedro: “- Mamãe, Paulo é mau. Se mamãe ouvisse os horrores que ele solta pela boca fora, mamãe morria de medo” (Assis, 2012, p.32). A agressividade de Esaú pode ser vista em: “[...] matarei Jacó, meu irmão” (Bíblia Sagrada, 1988, p.21), porém é importante destacar que eles não eram agressivos a vida toda, mas em determinadas situações eles foram agressivos.

— Conflitos: surgimento e intensidade

Tanto Pedro e Paulo quanto Esaú e Jacó passaram por conflitos desde muito cedo. No livro de Machado, Natividade descobre em visita que faz a uma cabocla que os gêmeos brigaram dentro da sua barriga, “Natividade não tivera a gestação sossegada, repetidos, e dores, e insônias... Mas então que era? Brigariam por quê? A cabocla não respondeu” (Assis, 2012, p.6). Esse fato dialoga com a história bíblica de Esaú e Jacó, filhos de Rebeca e Isaque, em que os gêmeos brigavam antes de nascerem, conforme Gênesis 25:23: “os filhos lutavam no ventre dela; então, disse: Se é assim, por que vivo eu? E consultou ao SENHOR” (Bíblia Sagrada, 1988, p.19), além da similaridade de Esaú e Jacó serem gêmeos igual a Paulo e Pedro, as mães sentiram que seus filhos tiveram conflitos antes mesmo de nascer.

Como visto, esse é mais um exemplo da intertextualidade bíblica na obra, podendo relacionar a Cabocla com Deus, e Natividade com Rebeca, observa-se o deslocamento desse mito bíblico através dessa questão, ao contrário do questionamento feito por Rebeca, o qual foi lhe respondido com clareza, quando ainda esperava o momento do

nascimento dos filhos, a dúvida de Natividade foi respondida de maneira evasiva, não foi esclarecido, e a mesma só procurou saber o motivo após o nascimento dos filhos.

Rebeca sabia o motivo, na Bíblia diz: “Duas nações há em teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão: um povo será mais forte que outro, e o mais velho servirá o mais moço” (Bíblia Sagrada, 1988 p.19), Deus revelou o motivo a Rebeca. Uma evidencia explícita do diálogo com o texto bíblico é presente em *Esaú e Jacó*, o Conselheiro Aires fala sobre isso: “- Esaú e Jacó brigaram no seio materno, isso é verdade. Conhece-se a causa do conflito” (Assis, 2012, p.20), diferentemente de Natividade, que não sabia a causa da briga.

— Os nomes dos gêmeos

Outra intertextualidade com o texto bíblico ocorre na indicação dos nomes dos gêmeos pela tia Perpétua, visto que seus pais estavam à procura de nomes: “um dia, estando Perpétua à missa, rezou o Credo, advertiu nas palavras: ‘... os santos apóstolos S. Pedro e S. Paulo’, e mal pôde acabar a oração. Tinha descoberto os nomes; eram gêmeos” (Assis, 2012, p.13). Dessa maneira, os seus sobrinhos passaram a se chamar Pedro e Paulo.

Recorrências arquetípicas no romance *Dois irmãos*

— O nascimento e o aspecto físico

A referência bíblica tem início logo no nascimento dos gêmeos, na Bíblia relata: “Saiu o primeiro, ruivo, todo revestido de pelo; por isso, lhe chamaram Esaú. Depois, nasceu o irmão; segurava com a mão o calcanhar de Esaú; por isso, lhe chamaram Jacó” (Bíblia Sagrada, 1988, p.19), e em *Dois irmãos*: “nasceram em casa, e Omar uns poucos minutos depois, o Caçula, o que adoeceu muito nos primeiros meses de vida, e também um pouco mais escuro e cabeludo que o outro” (Hatoum, 2006, p.50), esse acontecimento da obra de Hatoum lembra bastante o nascimento dos gêmeos da Bíblia. No entanto, existe uma inversão nesse mito bíblico, usando como contraponto qual o filho cabeludo, enquanto na Bíblia relata que foi Esaú, o primogênito, que nasceu cabeludo, já na obra de Milton Hatoum foi Omar, o caçula.

— *Personalidade e caráter*

Como já dito, sobre as personalidades de Pedro e Paulo com Esaú e Jacó, os gêmeos Yaqub e Omar também possuem traços de personalidades similares com as dos irmãos da Bíblia. Yaqub pode estabelecer relação com Esaú, pois também tinha vontade se

vingar do seu irmão, assim como Esaú desejava se vingar de Jacó, eram parecidos também na questão de Yaqub ser proativo, habilidoso e esforçado, como Esaú era desde criança: “Cresceram os meninos. Esaú saiu perito caçador, homem do campo;” (Bíblia Sagrada, 1988, p.19).

Já Omar possui traços tanto de Esaú quanto Jacó. De Jacó, devido às suas características e preferências. Omar não gostava de estudar, não trabalhava e não fazia nada para ajudar sua família, assim como Jacó que era “homem pacato, habitava em tendas.” (Bíblia Sagrada, 2012, p.19). Correlaciona-se também com Esaú, tendo em vista que desejava matar seu irmão assim como Esaú. Em outro momento também se assemelham, Omar se sentiu traído pelo irmão quando descobriu que Lívia era esposa de Omar, e Esaú se sentiu traído por Jacó depois que fingiu ser ele.

Essa obra também pode ser considerada como uma recorrência do mito do duplo na Bíblia presente na narrativa mitológica de Caim e Abel, filhos de Adão e Eva, cujo antagonismo primordial suscita a intertextualidade. Caim matou Abel por raiva e ciúmes, este acontecimento pode ser visto de forma deslocada no romance por meio das várias cenas em que Omar ataca Yaqub, principalmente a primeira: “o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa e rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Lívia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub” (Hatoum, 2006, p.22).

No que se refere a personalidade e caráter, Omar se aproxima semelhantemente com Caim, os quais tiveram ações que foram motivadas por raiva e ciúmes. Assim como Caim e Abel, Omar e Yaqub ultrapassam brigas verbais, ocorrendo o embate físico. É importante esclarecer o antagonismo entre os irmãos Yaqub e Omar constitui uma retomada mais próxima dessa mitologia bíblica do que entre Pedro e Paulo, visto que o grau de agressividade é intenso e, embora não atinja o ápice com o homicídio, deixa marcas (cicatriz) que vão além do discurso.

— Preferência dos genitores por um dos gêmeos

Ainda na obra de Milton, as preferências dos pais por um dos gêmeos podem ser observadas como um traço dessa intertextualidade, visto que os pais bíblicos também tinham suas preferências, conforme Gênesis 25:28: “Isaque amava a Esaú, porque se saboreava de sua caça; Rebeca, porém, amava Jacó” (Bíblia Sagrada, 1988, p.19). O maior afeto de Rebeca por Jacó é demonstrado ao ajudá-lo a receber a benção que pertencia ao irmão. Zana amava mais o Omar, que “cresceu cercado com um zelo excessivo, um mimo doentio da mãe, que

via na compleição frágil do filho a morte iminente. Zana não se despegava dele, e o outro ficava aos cuidados de Domingas” (Hatoum, 2006, p.50).

Da mesma forma é o caso de Halim e Isaque, este amava mais Esaú que Jacó, “pelo fato de Esaú se mostrar guerreiro o pai deles tinha preferência pelo que caçava o amava mais e quando trazia sua caça o pai pedia para que ele preparasse o guisado para alimentação do pai” (Junior e Cruz, 2014, p.54), e o personagem Halim preferia Yaqub, por ser mais responsável, estudioso e inteligente, ““e para isso”, dizia o pai, orgulhoso, ‘não é preciso língua, só cabeça. Yaqub tem de sobra o que falta no outro’” (Hatoum, 2006, p.25).

Deslocamento do triângulo amoroso - a amada como objeto de disputa

Os romances apresentam uma característica em comum, o triângulo amoroso. Na obra de Machado esse triângulo é composto por Pedro, Paulo e Flora, e na de Milton, por Lívia, Omar e Yaqub. Mesmo havendo influência de *Esaú e Jacó* em *Dois irmãos*, o desfecho desses triângulos é diferenciado, tendo em vista que, enquanto Flora não conseguiu decidir com quem ficaria, Lívia decidiu e casou-se com Yaqub. É possível observar que as narrativas de Caim e Abel, Esaú e Jacó, também apresentam o “triângulo amoroso”, considerando que Caim matou seu irmão por inveja, em ver que Deus não aceitou sua oferta e sim a do irmão, entre eles havia o desejo de agradar a Deus. Na narrativa bíblica de Esaú e Jacó, também os conflitos envolvem o amor de Deus, transmitido por meio da benção que seria dada por Isaque diante de Deus.

Os romances evidenciam o deslocamento do triângulo amoroso, tendo em vista que o centro desses triângulos é Flora em *Esaú e Jacó* e Lívia em *Dois irmãos*, ambas representando um objeto de desejo e disputa entre os gêmeos, ao passo que nas narrativas bíblicas Deus é o centro, e o objeto de disputa entre Caim e Abel, e entre Esaú e Jacó, nota-se então que esse deslocamento ocorre por conta dessas alterações.

Com base nesses aspectos da intertextualidade dos romances com a Bíblia, pode-se destacar que essas obras possuem influências da mitologia bíblica, mas cada uma se relaciona com esta de maneira diferente na maior parte das semelhanças apresentadas. Em *Esaú e Jacó*, há aproximação com a Bíblia em relação ao título, às brigas dos gêmeos nos ventres das suas mães, aos traços de personalidades entre os quatro gêmeos e a seus nomes dos personagens, que remetem aos apóstolos bíblicos. Diferentemente de *Dois irmãos*, que se assemelha no momento dos nascimentos dos gêmeos, e ainda com a história de Caim e Abel, mas, como em Machado de Assis, houve a semelhança nas personalidades.

Observa-se, então, que as obras possuem semelhanças, mas apresentam diversas diferenças, começando pelo fato de que foram escritas em diferentes épocas e contextos, cada uma fazendo referência a um período. Outra diferença ocorre entre os narradores, que possuem diferentes níveis de importância para os outros personagens: Aires é amigo e conselheiro de todos e Nael empregado da casa, tendo importância para a mãe e um pouco para Yaqub e Halim.

Outras diferenças aparecem entre os personagens e o enredo das obras. Natividade e Zana, estabelecem aproximações intertextuais, mas com certos deslocamentos e um deles é que Natividade não tinha preferência por nenhum dos filhos, não sendo possessiva, ao contrário da personagem Zana, que evidenciava preferência, sendo bastante possessiva pelos filhos, principalmente por Omar. Nota-se diferença também entre os seus maridos, Santos e Halim, pois Santos queria ter uma filha, enquanto Halim não queria ter nenhum.

Mais uma diferença entre as obras diz respeito às personagens Flora e Lívia, a primeira não escolheu nenhum dos gêmeos e acabou morrendo, já a segunda, que também gostava dos dois gêmeos, escolheu Yaqub para se casar. Vale destacar que os gêmeos dos dois romances não eram muito parecidos, em relação aos comportamentos, entre Yaqub e Omar existe grande rivalidade, muitas violências físicas, e mais ainda desejo de vingança, ao passo que entre Pedro e Paulo a rivalidade não apresenta grandes conflitos. Esses são detalhes mínimos que os faz ter alguma semelhança.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia realizou um estudo comparativo entre os romances *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis, e *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, nos aspectos estruturais e temáticos, tendo em vista que essas obras, produzidas em épocas e com características muito particulares, apresentam pontos de aproximação que chamam a atenção, pois abordam a respeito de gêmeos antagônicos e apresentam estruturas que contém similaridades.

Para a realização desta análise utilizou-se do suporte dos estudos comparados, focalizando seus fundamentos e conceitos como a interdisciplinaridade, que amplia a abrangência dos estudos da literatura comparada, permitindo a associação da literatura a outras áreas de conhecimento; a influência, apontada como algo que sempre vai ocorrer nas obras, mas que não compromete a autonomia e personalidade destas; e a intertextualidade, diálogo entre textos, marcada por referências de outros textos, de forma explícita ou implícita. Através desses aspectos a literatura comparada abarca inúmeras possibilidades de realizar a comparação, e um desses casos foi a análise comparativa ocorrida neste trabalho, que contribuiu para se pensar melhor em como organizar as ideias dos romances, nas influências dos autores para construção das suas obras, também relacionar pontos intertextuais entre ambas, e relacionar as obras com outras áreas, tal como o discurso religioso e a mitologia.

Para melhor compreender os romances, buscou-se conhecer a trajetória de seus escritores e suas especificidades estilísticas, as quais permitiram uma melhor caracterização das obras. Assim, em relação a *Esaú e Jacó*, destacaram-se, entre outros, aspectos como a ironia, que o autor utilizou através da moralidade dos personagens para realizar críticas à sociedade da sua época, mostrando suas contradições, falsas virtudes, e hipocrisias; a intertextualidade, que favoreceu a conexão com outros objetos, como por exemplo, a última obra do escritor *Memorial de Aires*, com a mitologia, citando Castor e Pólux, como também a Bíblia, fazendo referências às histórias de Esaú e Jacó e São Paulo e São Pedro, e o triângulo amoroso, que é uma recorrente característica do escritor, e em *Esaú e Jacó* ela aparece para destacar a relação da personagem Flora com Pedro e Paulo.

Já em *Dois irmãos*, evidenciou-se aspectos como a memória, resgatando lembranças do narrador Nael, e dos personagens Zana e Halim, que são contadas pelo narrador para contribuir com composição da obra; engajamento social, o qual foi empregado através da crítica ao regime militar, e os conflitos familiares, e os aspectos regionais, que

Hatoum focaliza no cenário de Manaus, destacando sua diversidade cultural e étnica, e o cotidiano dos imigrantes libaneses na cidade.

Em relação à figura dos gêmeos antagônicos nos romances, buscou-se também uma abordagem intertextual que exemplifica a ocorrência do mito nas sociedades, sendo evidenciado que essa representação dos irmãos em conflito é um arquétipo do mito que aparece na literatura sob formas diversas e em vários gêneros de obras, como teatro e até mesmo novelas televisivas; e ainda em várias sociedades, encontrando-se também nas histórias bíblicas, principalmente em Esaú e Jacó, que se faz bastante presente nas obras que aqui foram estudadas. Assim, a relação conflituosa dos gêmeos nos dois romances foi considerada como uma recorrência arquetípica desse mito.

Tornou-se evidente que ambas as obras apresentam semelhanças nos aspectos estruturais e temáticos, sendo relevante destacar que Machado era leitor da Bíblia, e Milton Hatoum se inspirou em *Esaú e Jacó* para escrever *Dois irmãos*, que sofreu influência da obra de Machado de Assis. Dito isso, em relação aos aspectos estruturais procurou-se destacar que ambos são romances sociais e têm como ponto central o conflito familiar entre os gêmeos, representando a grande aproximação entre as narrativas literárias. Ficaram evidenciadas ainda outras intertextualidades nas duas obras: ocorre a existência do triângulo amoroso, visto que os irmãos sentem amor pela mesma moça; a narração se dá de forma não linear nos romances e seus narradores, Nael e Conselheiro Aires, também personagens importantes, apresentam ambiguidades, cada um a seu modo; as mães, Zana e Natividade, são personagens angustiadas com o desejo de ver os filhos unidos; o desfecho das narrativas evidenciam que não houve reconciliação entre Pedro e Paulo nem entre Omar e Yaqub.

Com relação aos aspectos temáticos, pelo viés da intertextualidade, foi observada a relação dos gêmeos antagônicos dos romances, com os gêmeos Esaú e Jacó da Bíblia e, eventualmente, com outros referentes bíblicos. Ao passo que Pedro e Paulo apontam características que remetem a Esaú e Jacó em aspectos como: a personalidade e caráter, conflitos no ventre das suas mães e na inspiração de seus nomes a partir dos nomes dos apóstolos bíblicos S. Pedro e S. Paulo. Já em *Dois irmãos*, são mais similares em aspectos como a aparência física no momento do nascimento; a preferência da mãe por um dos filhos. Também percebeu-se maior relação na personalidade e caráter de Omar e Yaqub com as narrativas bíblicas, de modo que Omar possuía elementos característicos de Esaú e Jacó, e Yaqub de Esaú. Dessa forma, foi notório que existe proximidade entre os romances *Esaú e Jacó* e *Dois irmãos*, embora de períodos e escolas literárias diferentes, carregam pontos de identificação semelhantes no que se trata dos aspectos estruturais e temáticos.

REFERÊNCIAS

A VIDA NÃO BASTA. **A vida não basta | Milton Hatoum – Influências**. Youtube. 28 de jan. de 2014. Disponível em: <https://youtu.be/T3D0mfvhbJc?si=2KEE7AH81-qX2qoP>. Acesso em 2 de jan. de 2024.

ALMADA, Leonardo Ferreira; CHAGAS, Pedro Ramos Dolabela; MOREIRA Anny Clarissa de Andrade. Complexidade, priming e mind-reading nas “duas fases” de Machado de Assis (num estudo comparativo entre **A mão e a luva** e **Dom Casmurro**). **SCRIPTA**, [Minas Gerais], v. 26, n. 57, p. 243-277, 2º quadrimestre de 2022.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo: Saraiva, 2009.

_____. **Esaú e Jacó**. Santa Catarina: Avenida, 2012.

_____. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução de Ferreira de Almeida. 2 ed. Barueri –SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

BORGES, Francieli; FERREIRA, Gabriela Semensato; GERCKE, Karina Regedor. **Literatura comparada**. Porto Alegre: SAGAH, 2017.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOTOSO, Altamir. Romance histórico e pós-modernidade. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**. Brasília, v. 3, n. 1, dez. 2010.

CAFÉ FILOSÓFICO CPFL. **O irmão | Milton Hatoum**. Youtube. 2 de mai. de 2019. Disponível em: https://youtu.be/ORom6INgWPA?si=jbVPDp6_kqv5p8nm. Acesso em: 2 de jan. de 2024.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHO, Silvia M. S. Macunaíma, Maíra e Quarup. **Itinerários**, Araraquara, n. 11, p.55-80, 1997.

COUTINHO, EDUARDO F.; CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. 8. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

EXPERIÊNCIA E APROPRIAÇÃO NA TÉCNICA NARRATIVA DE PAPÉIS AVULSOS. **Machado de Assis em linha**. [s.l.], n.1, jun. 2008. Disponível em: <https://machadodeassis.fflch.usp.br>. Acesso em: 20 de fev. de 2024.

FONSECA, Ana Margarida. Pedro e Paula de Helder Macedo: fraternidade impossível?. **Forma Breve**. Aveiro, n. 12, dez. 2015. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/issue/view/40>. Acesso em: 26 de jan. de 2024.

GIACOMOLLI, Dóris H. S. da S. Literatura Comparada e Intertextualidade: Saramago e Patativa do Assaré: O homem faz do mundo um texto para produzir sentido. **Millenium**, 46-A. Número Especial temático sobre Literatura, p. 178-202, 2014.

HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HELIODORA, Barbara. Shakespeare: o que as peças contam: tudo o que você precisa saber para descobrir e amar a obra do maior dramaturgo de todos os tempos. 1. ed. Rio de Janeiro: **Edições de Janeiro**, 2014.

JUNIOR, F. P. S.; CRUZ, S. da C. S. Diálogos literários: Uma análise comparativa de Dois irmãos, de Milton Hatoum e Esaú e Jacó de Machado de Assis. **A palavra**, Bragança, n. 6, p.47-65, jul-dez. 2014.

LIVRADA!. Ep. #95: Entrevista com Milton Hatoum. Youtube. 8 de jan. de 2017. Disponível em: <https://youtu.be/rtLkcw4nxY8?si=JuhN57ozHDImf0ss>. Acesso em: 7 de dez. 2023.

MASSAUD, Moisés. **História da literatura brasileira, volume III**: desvairismo e tendências contemporâneas. 3. ed. São Paulo. Editora pensamento Cultrix, 2019.

MOURA, Lucas Lima. Modernismo pós-modernismo em Milton Hatoum. **Altamira**, PA. **Ininga**, v. 7, n. 2, 2020.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: História, Teoria e Crítica. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

PELLEGRINI, Tânia. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. **Luso-Brazilian Review**, [s.l.], v. 41, n.1, p. 121-138, jun. 2004.

PEREIRA, Lucia Miguel. **Machado de Assis**: Estudo crítico e biográfico. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

RODRIGUES, Letícia Cristina Alcântara; FRÓES, Thalita Sasse; BORGES, Poliana Queiroz (Org.). **Interpretações do mito do duplo**. Rio de Janeiro: Mares Editores, 2020.

ROSA, Daniele dos Santos. A ambiguidade como elemento estruturante no romance Los Siete Locos, de Roberto Arlt. **Cerrados**, Brasília, n. 52, p. 158-170, mai. 2020.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SILVA, Glenda da. **Machado de Assis, um leitor da Bíblia**: uma análise do mito do duplo em Esaú e Jacó. Universidade Federal de Uberlândia, 2015. 83f. Dissertação (Mestrado-Universidade Federal de Uberlândia).

STELLA, Marcelo Giovani Poci. Milton Hatoum: um olhar clássico contemporâneo. **Tempo Social**. São Paulo. v.33, n.1, p.267-285, jan-abr, 2021.

TOKASHIKI, Adriana do Couto. **Inexplicável, inquietante, inconsciente**: a subjetividade no romance Esaú e Jacó, de Machado de Assis, 2014. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Instituto de Linguagens da Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 2014.